



Os desafios da diversidade sexual

Editorial

A sociedade contemporânea tem apresentado diversos desafios para os sujeitos sociais em seus diferentes cenários de existência. Uma das discussões que mais levanta polêmica no mundo de hoje é o universo da diversidade sexual, que abrange as realidades de gays, lésbicas, bissexuais e transexuais.

Para entender melhor este universo, a **IHU On-Line** entrevistou vários estudiosos que há tempo se debruçam sobre este tema. **Jon Nilson**, professor de Teologia na Loyola University, de Chicago, fala sobre a difícil relação entre a homossexualidade e a Igreja

Católica. Ele afirma que “muitos católicos gays sentem-se profundamente machucados pela linguagem que os ensinamentos oficiais da Igreja usam para descrevê-los. Eles amam a Igreja e querem que sua Igreja os ame e aceite por inteiro como são. Em vez disso, eles sentem que a Igreja não tem um lugar para eles nem em sua mente, nem em seu coração”.

Já a filósofa americana **Judith Butler**, que tem contribuído há muitos anos para os estudos do feminismo e da teoria *queer*, afirma, em entrevista publicada nesta edição, que “o gênero não expressa uma essência interior de quem somos, mas é constituído por um ritualizado jogo de práticas que produzem o efeito de uma essência interior”. Para ela, “o gênero é vivido como uma interpretação ou um jogo de interpretações do corpo, que não é restrita a dois, e isso, finalmente, é uma mutável e histórica instituição social”.

Também contribuem nesse debate a teóloga feminista **Mary Hunt**, para quem a noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento cristão ocidental; a professora de Teologia na Loyola University de Chicago, **Susan Ross**, fala sobre a antropologia teológica de João Paulo II, considerando-a muito mais Mariana do que Cristã; o historiador **Thomas Laqueur**, professor na Universidade de Berkeley, defende que “quase tudo de importante que queremos dizer sobre sexo e sexualidade tem a ver com o enraizamento cultural de homens e mulheres em relação entre si”; e os professores **Alessandro Soares** e **Renato Barboza** abordam a questão da diversidade sexual segundo o cotidiano de travestis, ao falar sobre um ensaio que analisa a construção das múltiplas complexidades da consciência política de travestis.

Nesta edição, também trazemos uma entrevista sobre as diferenças da concepção do vácuo, com o Prof. Dr. **Roberto de Andrade Martins**, da Unicamp, que profere uma

conferência nesta quarta-feira, 11-10-2006, no evento **II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia**, promovido pelo IHU.

As *Notícias Diárias* da página do IHU têm procurado analisar o resultado das eleições do domingo passado. Reproduzimos nesta edição algumas das entrevistas publicadas durante a semana.

Adiantamos também aos leitores e leitoras da revista ***IHU On-Line*** que a próxima edição de nossa revista semanal, de número 200, trará uma novidade na forma gráfica para marcar a passagem do número 200 e dos 5 anos da criação do IHU e da publicação. Desejamos a todas e todos uma ótima leitura, uma excelente semana e um bom feriado!

Editorial pg. 1

Tema de capa

Entrevistas

Judith Butler: O gênero é uma instituição social mutável e histórica **pg. 3**

Thomas Laqueur: As relações sexuais estão no cerne da produção da cultura **pg. 5**

Alessandro Soares e Renato Barboza: "Negar direitos ao coletivo LGBT não é um ato de poder de traços patriarcais?" **pg. 7**

Jon Nilson: A Igreja e os desafios da diversidade sexual **pg. 12**

Mary Hunt: A noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento cristão ocidental **pg. 16**

Susan Ross: A antropologia teológica de João Paulo II e a diversidade sexual **pg. 18**

Brasil em Foco

Francisco Whitaker: O PT não é o menos pior. Mas ainda é melhor que o PSDB **pg. 23**

Destaques da semana

Artigo da semana

Alain Touraine: Existe uma esquerda na América Latina? **pg. 27**

Entrevistas da semana

Benedito Tadeu César: "Quem tirou os votos do Lula aqui no RS foi a Heloísa Helena" **pg. 29**

Ivo Lesbaupin: "A postura típica do PSDB é caracterizada pelo governo FHC: repressão" **pg. 31**

Filme da semana

Espelho Mágico **pg. 35**

Teologia Pública

Bernard Sesboué: Jesus e Maria Madalena **pg. 37**

Deu nos jornais

pg. 41

Frases da semana

pg. 43

Destaques On-Line

pg. 45

IHU em revista

Eventos

pg. 47

Errata

pg. 56

IHU Repórter

pg. 57

O gênero é uma instituição social mutável e histórica

Entrevista com Judith Butler



Judith Butler é uma proeminente filósofa americana pós-estruturalista, que tem contribuído há muitos anos para os estudos do feminismo, da teoria *queer*, da filosofia política e da ética. Ela é professora no Departamento de Retórica e Literatura Comparativa da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e aceitou conceder a entrevista que segue para a revista **IHU On-Line** por e-mail.

Butler recebeu seu Ph.D. em Filosofia da Yale University em 1984 e seu trabalho foi publicado em seguida com o título *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*. No final dos anos 1980, entre diversas atividades como professora e pesquisadora, Butler se envolveu no esforço pós-estruturalista da teoria feminista ocidental para questionar os termos do feminismo. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, publicado em 1990, é seu principal livro. A edição francesa, sob o título **Trouble dans le Genre. Pour un féminisme de la subversion**, foi publicado no ano passado, 2005, pela Editora La Découverte, com o prefácio “Trouble-genre” do sociólogo Éric Fassin.

IHU On-Line - O que caracteriza o pensamento lésbico contemporâneo?

Judith Butler - Não sei se existe o pensamento lésbico contemporâneo. Acho que seria um erro basear um tipo de pensamento sobre uma identidade. Se há um certo tipo de pensamento que tenha a ver com as lésbicas, então certamente seria um que tem a ver com como nós “somos” não-singulares ou definíveis em um jogo específico de termos. Estou refletindo se isso seria o pensamento de diferença e relação.

IHU On-Line - O movimento lésbico defende a completa autonomia do sujeito?

Judith Butler - Eu mesma nunca defendi a completa autonomia do sujeito. Eu esperaria, se existe tal movimento, que ele sustentasse uma crítica rigorosa da autonomia. Afinal de contas, autonomia presume autodefinição e autogoverno, e isso se choca com a noção do animal humano que é constituído em sociedade. Eu prefiro que ressitueemos o problema da autonomia dentro da idéia do social, na qual nós estamos inevitavelmente ligados uns aos outros. Autonomia é uma noção defensiva e subscreve a

maior parte da história do machismo. Então, se queremos ser “autônomos”, isso poderia ser apenas pela descoberta de que não detemos a verdade sobre nós mesmos.

IHU On-Line - De que formas as tecnologias favoreceram o sentimento de autoconstrução e auto-realização como um sujeito autônomo no caso das mulheres?

Judith Butler - Você supôs que para mim a “autonomia” é uma meta, mas eu tenho problemas com essa meta. Estou pensando se existem outros termos que possam articular o problema da liberdade. A tecnologia é um instrumento que devemos usar, especialmente a tecnologia reprodutiva. E a tecnologia é também um regime que pode nos usar. Essa é uma aposta e um risco, e não há solução para essa ambivalência.

IHU On-Line - Qual é seu conceito de gênero?

Judith Butler - Essa é talvez uma questão muito abrangente. Mas tenho argumentado que gênero é performativo. Isso significa que o gênero não expressa uma essência interior de quem somos, mas é constituído por um ritualizado jogo de práticas que produzem o efeito de uma essência interior. Eu também penso que o gênero é vivido como uma interpretação, ou um jogo de interpretações do corpo, que não é restrita a dois, e isso, finalmente, é uma mutável e histórica instituição social.

IHU On-Line - O que podemos entender hoje por “diversidade sexual”?

Judith Butler - O termo pode representar pessoas envolvidas em uma larga disposição de atos sexuais; pessoas que quaisquer que sejam suas identidades, não são a mesma coisa que os atos que desempenham; pode significar que diferenças morfológicas nem sempre são binárias na forma; que

desejos e prazeres não são para se julgar normativamente, mas compreendidos em um contínuo de agenciamento e resposta sexual humana.

IHU On-Line - Em sua opinião, o universo masculino e a sociedade patriarcal estão em crise?

Judith Butler - Talvez. Mas devemos lembrar que o que é mais problemático é como os poderes patriarcais seguram essa crise. Por exemplo, nos EUA, após termos sido atacados em 11 de setembro, uma certa disposição masculina não podia carregar o fato de sua permeabilidade. Então procuraram estabelecer a absoluta autonomia dos EUA, e isso se tornou uma postura defensiva e agressiva, traduzida em políticas de guerra e destruição.

IHU On-Line - Qual é o papel da religião em uma sociedade de sujeitos autônomos e autoconstituídos?

Judith Butler - A religião é uma importante matriz para a formulação de valores. Assim como o é o secularismo. Ambos podem assumir formas dogmáticas, e há possibilidade para o questionamento crítico nos dois casos.

IHU On-Line - Como compreendemos uma sociedade na qual os sujeitos podem não ter relação alguma com o transcendental?

Judith Butler - Depende do que você quer dizer com “transcendental”. Se você fala das condições de possibilidade de conhecer, no sentido kantiano, então para mim não há problema. As condições de possibilidade do saber são históricas e culturais, e estão abertas a crises e mudanças. Se você se refere ao que é “transcendente”, isto é, como o que existe sobre e além da existência, palavra empírica, então eu diria que a “possibilidade” é sempre transcendente. Se nos orientarmos para um futuro que “ainda está por vir”, como Derrida

sugeri, nos orientamos para algo que não é ainda, e então não existe empiricamente. Mas o que imaginamos para a justiça, a igualdade e a liberdade

é “transcendente”. Sem tais ideais, nós não poderíamos continuar em nenhuma de nossas lutas.

Saiba mais sobre Jacques Derrida (1930-2004)

Filósofo francês, foi criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973; *L'Éthique du don*, (1992), *Demeure*, Maurice Blanchot (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998), *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria *Memória da IHU On-Line* edição 119, de 18 de outubro de 2004;

As relações sexuais estão no cerne da produção da cultura

Entrevista com Thomas Laqueur



O historiador Thomas Laqueur é professor na Universidade de Berkeley, Califórnia, e é especialista em História Social e da Medicina. Em 1992, publicou o livro *Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*, lançado pela Relume-Dumará. Seu livro mais

recente publicado no Brasil é *Sexo Solitário - Uma História Sexual da Masturbação* (Editora Zone Books, 2003). Sobre esse livro, confira uma resenha publicada na 173ª edição da revista *IHU On-Line*, de 27 de março de 2006.

Laqueur é formado em Filosofia pelo Swarthmore College, mestre pela Princeton University, e obteve seu Ph.D. na Princeton University. Ele aceitou conceder uma entrevista com exclusividade para a revista *IHU On-Line* sobre a sexualidade na sociedade contemporânea, marcada pelo individualismo e pela autonomia dos sujeitos sociais. Confira.

***IHU On-Line* - O senhor afirma que o sexo é “situacional” e só pode ser entendido no campo das relações entre gênero e poder. Pode explicar melhor essa afirmação?**

Thomas Laqueur - Por situacional, entendo que quase tudo de importante que queremos dizer sobre sexo e sexualidade, afora questões de produção e reprodução, tem a ver com

o enraizamento cultural de homens e mulheres em relação entre si: se faz nascer ou desaparecer com a diferença sexual, se aumentam ou diminuem as barreiras entre os sexos e com um “sexo” que se comporte como um projeto cultural ou político. Não nego a existência da biologia. Eu apenas quero reivindicar que, no que se refere ao sexo e à sexualidade, sua existência é sentida em nossas vidas pela grande rede de significado que enreda o pensar sobre sexo.

IHU On-Line - O que podemos entender por “sexo solitário”?

Thomas Laqueur - Eu chamei a masturbação de sexo solitário porque não estava muito interessado no ato físico de alcançar o orgasmo, mas em sua natureza psíquica. Então não lido com a assim chamada “masturbação mútua” ou masturbação e exibicionismo. Eu penso que sejam relacionadas ao meu tópico principal, mas que são atos sociais. Eu escrevo sobre a idéia de criar um mundo erótico em nossas próprias imaginações. Alguns argumentarão que todo sexo é solitário, mas isso é um assunto mais abrangente.

IHU On-Line - Qual a relação entre a masturbação e a sociedade caracterizada pela autonomia do sujeito?

Thomas Laqueur - Meu ponto é que a masturbação vem a ser vista como moralmente suspeita quando a cultura mais geral começa a se preocupar com a autonomia do sujeito. É o lado negro do individualismo e assim como se torna assunto de escrutínio moral, também se torna um prazer culpado antes inexistente. Culpa – na afirmação da privacidade, da autonomia, do segredo – é então constitutivo da pessoa.

IHU On-Line - O que constitui a moralidade sexual contemporânea?

Há uma moralidade sexual hoje em dia?

Thomas Laqueur - Minha idéia é de que no Ocidente burguês – não em outra parte – as velhas questões sobre com quem e quando é certo ter sexo – antes do casamento, por exemplo – tornaram-se menos exigentes. As novas questões são mais éticas que morais: como o sexo figura em viver uma vida de virtude. Na verdade, eu não tenho idéia de o quão seriamente a juventude reflete nesse sentido.

IHU On-Line - Em que sentido a sexualidade representa a forma de relação entre o indivíduo e a sociedade, e entre o indivíduo e a natureza?

Thomas Laqueur - Falando grosso modo, as relações sexuais estiveram e estão no cerne da produção da cultura. Pode-se começar com a famosa idéia de Lévi-Strauss de que o tabu do incesto define a intersecção entre natureza e cultura.

IHU On-Line - Qual é o papel da religião em uma sociedade de sujeitos autônomos e autoconstituídos?

Thomas Laqueur - Eu também estaria interessado em saber. Nos Estados Unidos, hoje, a abstinência sexual antes do casamento tornou-se uma maneira para os jovens ligarem-se às visões religiosas conservadoras das suas famílias e para declararem-se à parte do que tomaram por ser a cultura popular hedonista e individualista da sociedade secular. Por sua vez, eu penso que os ensinamentos católicos sobre questões como aborto e controle de natalidade têm quase nenhum impacto nos Estados Unidos ou na Europa. Claramente essa questão seria respondida de maneira diferente para comunidades muçulmanas em diáspora ou em vários países do Oriente Médio, na Indonésia ou na Índia.

“Negar direitos ao coletivo LGBT não é um ato de poder de traços patriarcais?”

Entrevista com Alessandro Soares e Renato Barboza

A discussão sobre a diversidade sexual segundo o cotidiano de travestis é o tema da entrevista que a *IHU On-Line* realizou com os professores Alessandro Soares da Silva e Renato Barboza. Eles são autores do ensaio *Diversidade sexual, Gênero e Exclusão Social na produção da Consciência Política de Travestis* e aceitaram responder a algumas questões por e-mail, contribuindo no debate que buscamos levantar com a edição desta semana.

Alessandro Soares da Silva possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente, é professor titular da Faculdade Brasília de São Paulo. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Relações Interpessoais, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia política, psicologia social, consciência política, psicologia dos movimentos sociais.

Renato Barboza possui graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e especialização em Saúde Pública pela Universidade de Ribeirão Preto. Atualmente, é pesquisador científico da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Tem experiência na área de saúde coletiva, atuando principalmente nos temas de gestão, política pública, DST/AIDS, descentralização e ação programática. Eis a entrevista:

IHU On-Line - Vocês podem falar um pouco sobre o ensaio de 2005 *Diversidade sexual, Gênero e Exclusão Social na produção da Consciência Política de Travestis*

Alessandro Soares e Renato Barboza

- Esse ensaio resultou de um trabalho com essa população de vulneráveis para a Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo. A questão é que durante o trabalho foram se visibilizando determinadas demandas dessa população ocultadas pelos sintomas de uma sociedade patriarcal: a homofobia e o sexismo. Nesse ensaio, preocupamos em entender o fenômeno da

diversidade sexual de uma perspectiva psicopolítica que rompesse com a lógica perversa dessa sociedade heteronormativa que nega “o direito a ter direitos” (Arendt, 1989) e impõe uma heterossexualidade obrigatória patriarcalmente estabelecida. Chamou-nos a atenção o fato de essa população ser alvo de estigmas pesados e de não haver um interesse de se incluir (e não enquadrar) essa população. A ausência de políticas públicas para além do âmbito da saúde e uma compreensão negativista da “diversidade” afasta ainda mais essa população das oportunidades

sociopolíticas de garantir uma vida digna. O universo do travestismo é publicizado de maneira negativa e com base em estereótipos, e as relações com essa população é orientada pelo preconceito. Nesse estudo, pretendemos entender como esse processo de dominação-exploração (Saffioti, 2005) é internalizado por esse grupo social e de que modo isso possibilita a construção das múltiplas complexidades da consciência política.

IHU On-Line - O que mais impressiona no universo dos travestis? O que compõe sua realidade social?

Alessandro Soares e Renato Barboza

- Pensamos que o que mais impressiona seja o fato de essa população denunciar a obrigatoriedade da sexualidade convencional e a conseguinte hipocrisia que permeia as relações humanas, que admitem o princípio da diversidade desde que compreendido sob uma ótica patriarcal e heterossexista, sempre sob uma ótica *transfóbica*. Essa população transita pelos elementos que constituem os gêneros masculino e feminino. Não se trata de um terceiro gênero, mas de um *modus operandi* diverso, múltiplo, de viver o gênero desde perspectivas que rompem e transgridem. Assim, travestis trazem consigo a marca incômoda da transgressão à norma e a moral vigentes. Essa transgressão é potencializada inclusive pelo fato de não lhes ser possível ocultar-se no momento de crise gerada pela opressão. Pessoas homossexualmente orientadas podem atuar como se fossem heterossexualmente orientadas, mulheres podem fingir estar satisfeitas com as mudanças sociais e ou estar subordinadas ao "poder do *macho*". As travestis não. Nem o corpo, nem a voz lhes permitem ocultar-se da sociedade. O enfrentamento é permanente, o que acaba por ampliar sua condição de vulnerabilidade. Suas demandas legais são pouco ouvidas e quase não encontram defesa em nosso país.

Sofrem com a fobia de heteros e homossexuais. Mas, apesar disso, "vão à luta", batalham e sobrevivem em uma sociedade que sistematicamente lhes nega a cidadania, a memória e, sobretudo, o direito a ter o direito de construir socialmente sua realidade, estabelecer sua identidade de gênero com a legitimidade de luta cotidianamente contra a invisibilização e o silenciamento oficiais.

IHU On-Line - Qual o conceito de gênero para vocês, hoje?

Alessandro Soares e Renato Barboza

- Gênero é uma categoria transistórica e transversal que atravessa socialmente a realidade. Como aponta Judith Butler¹ (1990) estabelece-se uma inteligibilidade de gênero, pois há uma matriz dominante de gênero e múltiplas outras matrizes competidoras, subversivas, subalternas. Entretanto, não podemos admitir que se leia dominante como aquela que está correta, que deva ser aceita, pois isso é a lógica de uma política assimilacionista que invisibiliza e homogeneiza a pluralidade. Isso é inadmissível em nosso ponto de vista. Fazê-lo é uma falácia no que diz respeito à diversidade cultural. A diferença é positiva e constantemente escandaliza a quem está assimilando a lógica dominante. Por isso, elas escandalizam. Assim, parece-me que a perspectiva de gênero de Heleieth Saffioti² seja a que melhor se aplica porque aponta para a pluralidade das posições de gênero e é nesse sentido que dizemos que travestis trazem elementos desta multiplicidade de posições, sendo essas posições também

¹ Conferir entrevista nesta mesma edição. (Nota da *IHU On-Line*)

² Heleieth Saffioti é Professora de Sociologia, aposentada, da UNESP, e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Foi das primeiras feministas brasileiras a publicar livros e artigos sobre a condição das mulheres e seu nome é em si uma referência para a história do feminismo brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

múltiplas e possibilitam a multiplicidade de consciências.

IHU On-Line - O que podemos entender por diversidade sexual?

Alessandro Soares e Renato Barboza

- A lógica da sociedade patriarcal sustenta-se em binarismos. Homem, mulher, feio, bonito, hetero e homo etc. Em contraposição a esta perspectiva, binária, oposicionista e até mesmo essencialista, encontramos a noção de diferença cultural. Ela refere-se ao processo de enunciação da cultura que, segundo Bhabha, é "(...) um processo de significação através do qual afirmações da cultura e sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade" (1998: 63, publicado no Brasil pela Editora da UFMG). Neste cenário, a diferença se constitui na tensão estabelecida entre os enunciados ou atos, palavras etc., e o processo de enunciação ou contexto. É partindo do contexto em que cada ato e cada palavra são produzidos e no qual circulam, que eles adquirem significados, força, poder.

Parece-nos que o conceito de diferença ocupa uma posição de relevo na compreensão do hibridismo e da ambivalência, que constituem as identidades e relações interculturais. Essa condição abre espaço para uma nova perspectiva epistemológica, que busca o entendimento dos entrelugares (Bhabha, 1998), dos contextos intersticiais, constituintes dos campos identitários, subjetivos ou coletivos, nas relações e nos processos sociais interculturais. A interculturalidade se configura como um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e inter-subjetivas. O

afastamento das singularidades de "classe" ou "gênero", como categorias conceituais e organizacionais básicas, resultou em uma consciência das posições do sujeito – raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos, produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entrelugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – de que decorrem novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. Às travestis reservam-se entrelugares, mas, mais tristemente, tenta-se dar-lhes o não-lugar deslegitimante a que as minorias estão relegadas da ótica do dominador. Falar em diversidade cultural em nosso caso é romper com essa lógica binária e homogeneizadora, assimilacionista e deslegitimadora da diferença.

IHU On-Line - A sociedade patriarcal está em crise?

Alessandro Soares e Renato Barboza

- Certamente a sociedade patriarcal já não goza do mesmo poder que já gozou. Entretanto ela está viva e pujante, pois tem se metamorfoseado e encontrado o discurso politicamente correto, uma guarida para garantir sua sobrevivência e seu poder. Causa-nos espanto que um punhado de transformações sejam argumentos suficientes para se falar em crise ou mesmo em fim do patriarcado. Como bem analisa Saffioti, o patriarca está presente inclusive quando está ausente. Ele oculta-se e controla tudo desde seu pan-óptico. Parece-nos que hoje passamos por uma nova normalização do patriarcado com base em

argumentos pseudovitoriosos. Não se pode baixar a guarda. Ninguém abre mão pacificamente do lugar de poder. Resgatam-se os ensinamentos de Maquiavel. Hoje o patriarcado mostra sua força em novas formas de opressão como a que se expressa na miserabilidade da homofobia. Acaso negar direitos ao coletivo LGBT não é um ato de poder de traços patriarcais? Negar às travestis e aos transexuais o direito à adequação de sexo e ao nome, a identidade de gênero, não é um ato patriarcal? Do patriarca derivam o sexismo e a homofobia e estes se aprofundam no nó das relações entre gênero, raça e classe social. Estar em crise não equivale à extinção ou mesmo à perda de poder. Antes serve de ocasião de mudança de estratégias ou mesmo de mera adequação para garantir sua manutenção. Pensar que ele está fraco e chegando ao fim pode equivaler, sim, à desmobilização daqueles que lutam pelo fim do silenciamento e da subordinação. Enquanto houver a manutenção da dialética da exclusão/inclusão social não se pode pensar em superação do patriarcado, mas na necessidade de aprofundar essa luta que não diz respeito a um ou outro grupo. O patriarcado divide a todos para enfraquecer a luta política de quem ocupa lugares minoritários. Não se pode lutar para superar os efeitos do patriarcado no que diz respeito a mim ou a meu grupo. Enquanto a luta for assim fragmentada o que se fará apenas é combater um lado, enquanto muitas vezes se fortalece o inimigo e se luta com ele, a seu lado. Lutar para que o racismo seja superado apenas no caso de homens negros, esquecendo que há mulheres negras, e que há homens e mulheres negras homossexuais, que há travestis e transexuais negras, negando-lhes direitos é dar um tiro contra si e ajudar a perpetrar o patriarcado. Sem equidade, reciprocidade, equivalência, solidariedade, respeito à diversidade, supressão da tolerância e adoção real

do respeito ao outro, da alteridade, pensamos que jamais se superará a lógica patriarcal que impõe formas perversas de inclusão a todas e a todos nós.

IHU On-Line - Como as experiências do movimento de mulheres feministas podem inspirar a discussão sobre gênero e diversidade sexual?

Alessandro Soares e Renato Barboza

- Certamente aqueles que ocupam lugares minoritários são capazes de compartilhar linguagens, a começar pela linguagem da dor e da memória negada. A luta do movimento de mulheres feministas e do movimento de negros/as possibilitou a superação do subterrâneo que invisibiliza e o princípio da construção de uma memória política de resistência, que potencializa a luta política. Nesse campo, porém, o movimento de mulheres se rebela contra as formas patriarcais heterossexuais. Mas muitas vezes mantém a face homossexual do patriarcado quando não consegue respeitar e dialogar com a parte do movimento de mulheres feministas homoeroticamente orientadas. Essa dificuldade faz a diversidade ser regulada por padrões heterossexistas e, portanto, patriarcais. A sociedade tem cor: branca; tem região: euro-americana; tem religião: cristã; tem sexo: masculino; tem orientação sexual: heterossexual; tem estética: beleza/perfeição; tem classe: burguesa; tem escolaridade: alta/superior etc. Enquanto a sociedade patriarcal continuar a ter matrizes dominantes, a diversidade será mero discurso, e o patriarcado passará "muito bem, obrigado". Desta feita, as experiências de movimentos sociais no campo do gênero e a diversidade sexual ainda têm muito a superar: a homofobia. Enquanto a homofobia pessoal e social, faces do patriarcado, orientarem setores da luta, essa discussão ficará fragilizada. Mas pensamos que quem seriamente

quer discutir gênero, necessita superar as leituras bairristas e simplistas e dar-se conta de que estudos de gênero, de masculinidades e lesbigays/queer, compõem diversos aspectos de uma realidade e não deveriam ser dissociados, mas atravessar os debates, estudos e práticas sociais.

IHU On-Line - Como se caracteriza a consciência política das travestis?

Alessandro Soares e Renato Barboza

- Não há a possibilidade de falar de uma consciência, mas de complexidades distintas que dependem das histórias de vidas, de oportunidades políticas, dos recursos que essas pessoas puderam e podem mobilizar durante a sua vida cotidiana. Há que se lembrar que elas, muitas vezes, quase sempre, estão totalmente desamparadas pela família, pelos amigos e pelo estado. Vão à luta sozinhas e com isso tendem a desenvolver posturas menos coletivas. Foi nesse sentido que apontamos a importância do Encontro Nacional de Travestis e Liberados em DST/AIDS que acontece há quase 15 anos. Com o apoio da Coordenação Nacional de DST/AIDS do Ministério, essa população tem oportunidade de discutir sua realidade e pensar suas demandas e seu lugar. É nesse cenário que travestis demandam ser reconhecidas como elas, pois essa é sua identidade de gênero. Aparentemente a sua situação tem mudado. Mais grupos organizados dessa população têm surgido, suas demandas têm sido incorporadas a pautas de outros coletivos... Elementos de uma consciência política coletiva têm se desenhado no Brasil, mas certamente ainda há muito para se fazer. A lógica da dependência do agente que lhe garante espaço de prostituição ou para suas performances artísticas ainda é forte. Para mudar essa lógica individualista que fragiliza a construção de uma consciência política crítica e comprometida com a mudança depende de se garantir igualdade de

oportunidade, a superação da transfobia que impede que essas pessoas sejam incorporadas à educação formal e ao mercado de trabalho, restando-lhes como opção de sobrevivência o próprio corpo. Nesse processo de construção da consciência política, estão em jogo diversas visões de mundo e de ser humano e está presente a nossa própria consciência: também somos agentes de superação ou de manutenção desse *status quo* a cada vez que toleramos e não respeitamos, que incluímos em discursos e não no universo natural da vida cotidiana a cada uma dessas pessoas e as condenamos com bases morais que servem sempre ao outro e muito pouco serve a nós mesmos.

IHU On-Line - Como vocês avaliam que as Igrejas têm se posicionado com relação à diversidade sexual na sociedade contemporânea?

Alessandro Soares e Renato Barboza

- O senhor da messe é sempre bom e ama a todos desde que sejam heterossexuais. Isso é um problema porque o diálogo se desenvolve de modo truncado e a justiça está limitada pela intolerância e pela injúria homófoba. Além disso, a estrutura das igrejas é eminentemente patriarcal, o que amplia a gravidade do problema. Nega-se a pessoas que não estejam nesse enquadramento o direito à religiosidade plena. Igrejas não são diversas, elas são rígidas, padronizadas, estão marcadas por universalismos que negam de maneira sistemática a pluralidade. Há uma tendência à homogeneidade ainda que o discurso falazmente aponte para a diversidade e a diferença como um dado positivo. Toda diferença é positiva se ela estiver apenas na forma e não no conteúdo e por isso é que aqueles que ocupam lugares minoritários e que romperam com a lógica patriarcal de caráter heterossexista não têm na Igreja um elemento de apoio, mas de contenda constante.

A Igreja e os desafios da diversidade sexual

Entrevista com Jon Nilson



Jon Nilson é professor de Teologia na *Loyola University de Chicago*. É especialista em teologia ecumênica, em catolicismo contemporâneo e em teologia sistemática. Jon Nilson recebeu sua formação acadêmica inicial na *University of St. Mary of the Lake* e seu

doutorado na *University of Notre Dame*. Antes de ir para a *Loyola University*, em 1975, ele ensinou no *Illinois Benedictine College* e na *University of Dallas*. Ele é casado com Merle (Lufen) Taber e pai de três filhos adultos. Foi presidente da Catholic Theological Society of America. É membro do conselho editorial da revista *Theological Studies*.

É autor de *Nothing Beyond the Necessary. Roman Catholicism and the Ecumenical Future*, bem como de vários artigos e ensaios. Além de outras afiliações, ele é membro da Jewish-Catholic Scholars Dialogue em Chicago, the Anglican-Roman Catholic Consultation nos Estados Unidos, e editor da *Theological Studies*.

Confira a entrevista que ele concedeu, por e-mail, para a revista *IHU On-Line*, falando sobre a diversidade sexual para a Igreja.

***IHU On-Line* - Em que sentido poderia o Concílio Vaticano II³ dar passos importantes para a compreensão e aceitação da diversidade sexual na Igreja Católica?**

Jon Nilson - Quando o Concílio terminou, em 1965, os bispos perceberam que a “Igreja pedagógica” deveria ser primeiro uma “Igreja

aprendiz”⁴. Eles mesmos aprenderam lições importantes dos *periti* (peritos, do italiano), ou especialistas em teologia, que haviam trazido ao Concílio. Eles também aprenderam uns com os outros nas conversas formais e informais. Agora parece estar claro que o Espírito Santo não infundiu magicamente de algum modo o ensinamento oficial da Igreja na mente e no coração do Papa e dos bispos. Pelo contrário, tiveram que gastar o esforço de pessoas comuns para discernir e expressar o ensinamento da Igreja.

³ Concílio Vaticano II: convocado em 1962 pelo Papa João XXIII. A revisão proposta por este concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. (Nota *IHU On-Line*)

⁴ Aqui as expressões seriam mais precisamente “Igreja ensinante” e “Igreja aprendente”, literalmente. (Nota do tradutor)

Esses esforços tiveram ajuda do Espírito Santo, mas Ele não faz tais esforços desnecessariamente.

Então, nos últimos documentos do Concílio, lemos afirmações como “O Pontífice Romano e os bispos, conforme seus deveres e condizendo com a gravidade do assunto, [devem] lutar conscienciosamente e por meios apropriados inquirir corretamente sobre... a revelação e expressar-se adequadamente sobre seu conteúdo.” (Constituição Dogmática sobre a Igreja, **Lumen Gentium**, no. 25) e “Deixar que pessoas leigas não imaginem que seus pastores são sempre tão *experts*, que a cada problema complicado que surja, eles possam prontamente dar-lhes uma solução concreta ou algo semelhante é sua missão.” (Constituição Pastoral da Igreja no Mundo Moderno, **Gaudium et Spes**, no. 43). Infelizmente, este modo de compreender e exercitar a autoridade professoral na Igreja parece ter terminado logo depois do fechamento do Concílio, quando o Papa Paulo VI reafirmou a proibição dos contraceptivos artificiais em sua Encíclica **Humanae Vitae** (1968)⁵.

IHU On-Line - Quais são as principais dificuldades e os principais problemas que a Igreja Católica apresenta aos homossexuais católicos?

Jon Nilson - Os problemas para os homossexuais se enquadram em duas importantes categorias: dificuldades de pensamento e dificuldades de sentimento. De acordo com os ensinamentos oficiais da Igreja, a dimensão de união e a dimensão de procriação da vida sexual humana não devem ser separadas. É evidente na lei natural que a atividade sexual é um desígnio de Deus para unir dois

⁵ Esta Encíclica data de 25 de julho de 1968 e fala sobre o Controle de Natalidade e define, entre outras coisas, que a união (conjugál) e a procriação são dois aspectos inseparáveis e que o método não natural de controle de natalidade é ilícito. Uma Encíclica é uma carta escrita pelo Papa e que circula por toda a Igreja e pelo mundo.

parceiros complementares, homem e mulher, mais profundamente no amor. Estes dois parceiros são unidos em uma aliança indissolúvel de matrimônio e prontos a assumir suas obrigações de paternidade e maternidade, se Deus quiser que eles se tornem pais. Conseqüentemente, toda atividade sexual fora do casamento é proibida, assim como atividades sexuais dentro do casamento em que se evita a concepção de uma criança. A Igreja também insiste que famílias fortes compostas por marido, mulher e criança(s) são as bases necessárias para uma sociedade saudável. Nessa perspectiva, dificilmente existe lugar para os homossexuais. Enquanto o **Catecismo da Igreja Católica** clama que todos reconheçam e aceitem suas identidades sexuais (§2333), também chama a tendência homossexual de “objetivamente desviada” (§2358). Também declara que “práticas homossexuais são um desvio intrínseco, contrárias à lei natural, [restritas] ao dom da vida... não procedente de uma complementaridade afetiva e sexual”. Portanto, “sob nenhuma circunstância pode ser aprovada” (§2357). Tais reivindicações sobre a homossexualidade carecem de suportes conclusivos dos dados da ciência social. Eles também não representam a experiência de muitos homossexuais, especialmente aqueles que se comprometeram em um relacionamento de uma vida inteira com um parceiro.

Muitos católicos gays sentem-se profundamente machucados pela linguagem que os ensinamentos oficiais da Igreja usam para descrevê-los. Eles amam a Igreja. Eles querem que sua Igreja os ame e aceite por inteiro como são. Em vez disso, eles sentem que a Igreja não tem um lugar para eles nem em sua mente, nem em seu coração. Muitos gays católicos sentem-se tão machucados a ponto de um grupo de padres, que servem na Arquidiocese de Chicago, escrever uma carta aberta aos

bispos dos EUA há dois anos. Nesta carta, eles dizem que “No passado recente, alguns bispos, conferências de bispos e o Vaticano assumiram um tom de violência e abuso com relação a estes filhos e filhas [homossexuais] da Igreja que não podemos mais manter em silêncio. Algum outro grupo de pessoas do Corpo de Cristo foi tão insultado e violado por tal linguagem de meio espiritual?”.

IHU On-Line - O senhor acredita que o Papa Bento XVI pode agora compreender a homossexualidade de modo diferente da maneira como compreendia quando era o Cardeal Ratzinger, quando comandava a Congregação para a Doutrina da Fé?

Jon Nilson - Não sou bom em prever o futuro. Por exemplo, eu estava absolutamente certo de que os cardeais escolheriam o Cardeal Walter Kasper para suceder João Paulo II, não Joseph Ratzinger. Então, leitores, aguardem! Quando o Catecismo da Igreja Católica foi revisado em 1997, o Cardeal Ratzinger explicou por que uma mudança foi feita nas afirmações a respeito da homossexualidade: “Uma objeção era de que fizemos as pessoas pensarem que a tendência homossexual era inata, que já estava presente no momento do nascimento ou da concepção da pessoa. Vários competentes especialistas disseram que isso não havia sido provado.”. Outros acharam que o texto original havia deixado a questão da origem da homossexualidade muito aberta. Ratzinger disse, então, que o Catecismo não poderia ter a resposta para a questão da origem da tendência homossexual. Joseph Ratzinger é um excelente teólogo. Mesmo agora que é o Papa Bento XVI, ele precisa estar ciente de que a resposta à questão da origem da tendência homossexual é de grande

relevância para qualquer avaliação moral séria das práticas homossexuais. Se a ciência pode dar uma resposta decisiva a esta questão, julgamentos morais devem mudar de acordo com isso. Ainda, a Igreja Católica já se comprometeu com alguns julgamentos morais negativamente fortes sobre as práticas homossexuais. Se a origem da tendência homossexual pode ser determinada ⁶confiantemente, descobertas científicas deverão testar severamente a perspicácia teológica e capacidade de liderança mesmo de alguém tão talentoso quanto Bento XVI.

IHU On-Line - Quais são os principais fundamentos bíblicos e teológicos daqueles que não aceitam a homossexualidade? E daqueles que a aceitam?

Jon Nilson - A Igreja faz uma distinção importante entre condição homossexual e prática homossexual. A Igreja não prega que ser gay ou lésbica é pecaminoso, embora seja, de acordo com o Catecismo, “objetivamente desviante”. Práticas homossexuais, no entanto, são sempre erradas. O Catecismo fornece um sumário útil de razões para estes preceitos: “Baseando-se na Sagrada Escritura, que apresenta as práticas homossexuais como práticas de depravação grave, a tradição sempre declarou que ‘práticas homossexuais são intrinsecamente desviantes’. Elas são contrárias às leis naturais. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não provêm de uma complementaridade afetiva e sexual genuína. Assim, sob nenhuma circunstância devem ser aprovadas.” (§2357). Entre os que questionam a posição da Igreja, alguns sustentam que o entendimento dos autores bíblicos sobre as práticas sexuais não são os mesmos entendimentos nossos dessas práticas hoje. Como resultado, o ensinamento tradicional sobre este ponto deve ser reconsiderado. Outros argumentam que a ligação entre as dimensões de união e de procriação, as quais a Igreja considera essenciais nas

⁶ O termo do original em inglês é Prefect e vem do latim perfectum e significa aquele que toma a dianteira, que dirige, que comanda. Nesse caso, Ratzinger seria o Chefe da Congregação.

práticas sexuais humanas, são freqüentemente quebradas pela própria “natureza”; por que não poderiam ser “quebradas” por seres humanos por boas razões? Outros ainda sustentam que as vidas amorosas de muitos homossexuais faz a noção das “práticas homossexuais intrinsecamente desviantes” ser extremamente duvidosa.

IHU On-Line - Existe uma contradição entre os ensinamentos morais oficiais da Igreja e as vidas dos católicos hoje? Quais são as conseqüências desta desconexão? No futuro, que caminhos deverão ser seguidos?

Jon Nilson - Vários católicos sentem-se bastante confortáveis com os ensinamentos morais da Igreja. Sua fidelidade a estes ensinamentos enriquece suas vidas. Muitos católicos, entretanto, sentem que a Igreja tem pouca sabedoria e credibilidade quando se trata do entendimento e da vivência dos desafios e dons da sexualidade humana. Algumas evidências disso são discutidas a seguir: a raiva e a tristeza sentidas por vários homossexuais católicos pela retórica e pelo raciocínio nos documentos oficiais da Igreja, a carta aberta dos padres de Chicago aos bispos dos EUA e ao Vaticano. A visão da Igreja e sua linguagem sobre a homossexualidade também causaram profunda dor aos pais de gays e lésbicas católicos. Como, eles se perguntam, pode minha Igreja dizer coisas tão dolorosas sobre meu filho? Eu sei que minha filha, meu filho tentou muito ser um fiel, honesto, amoroso, e confiável católico – e aí a Igreja chama sua condição de “objetivamente desviante” e humilha a relação leal e amorosa que ela/ela construiu com seu parceiro do mesmo sexo? Por quê? Não é de se

estranhar que a “contradição” freqüentemente leve à raiva e alienação da Igreja. Em muitos casos, no entanto, isso produz uma resolução firme de permanecer na Igreja e mudar sua (da Igreja) perspectiva e atitude oficiais.

IHU On-Line - Em que deve consistir a teologia da diversidade sexual?

Jon Nilson - Ainda não é possível prever o conteúdo da teologia da diversidade sexual. Tal teologia deve ser o resultado de duas grandes mudanças no modo de operar da Igreja com relação aos assuntos sexuais. Primeiro, de acordo com a afirmação do Concílio Vaticano II de que “O Pontífice Romano e os bispos lutam conscienciosamente e por meios apropriados inquirir corretamente sobre ... a revelação e expressar-se adequadamente sobre seu conteúdo.” (Constituição Dogmática da Igreja, **Lumen Gentium**, no. 25), aqueles confiantes nos ensinamentos oficiais de autoridade na Igreja devem educar-se nas pesquisas das ciências sociais que iluminam os mistérios e costumes da sexualidade humana. Muito freqüentemente, os documentos oficiais da Igreja presumiam uma especialidade que não aparecia em sua argumentação ou conclusões. A melhor reflexão moral tradicional da Igreja sempre fez uma síntese entre a fé e a razão para produzir sabedoria. Segundo, aqueles confiantes nos ensinamentos oficiais da autoridade na Igreja devem prestar atenção/ouvir gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros católicos. Este ouvir não expressa apenas o respeito essencial devido a eles, mas deverá produzir as novas perspectivas e visões necessárias para que a Igreja se torne, outra vez, fonte de luz e força para todo o seu povo.

A noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento ocidental

Entrevista com Mary Hunt

A teóloga feminista Mary Hunt é co-fundadora e co-diretora da Women's Alliance for Theology, Ethics and Ritual (WATER) em Silver Spring, Maryland, USA. Mulher participante nos movimentos de mulheres da Igreja Católica, ela colabora e escreve sobre teologia e ética. Hunt aceitou conceder uma entrevista exclusiva para a revista *IHU On-Line* no intuito de contribuir com o debate que levantamos na matéria de capa da edição desta semana: diversidade sexual.

Mary Hunt recebeu o Ph.D. da Graduate Theological Union de Berkeley, Califórnia. Ela também recebeu o título de mestre da Jesuit School of Theology de Berkeley e o título de mestre em Estudos Teológicos da Harvard Divinity School. Sua pós-graduação em Teologia e Filosofia foi realizada na *Marquette Univerdas* na Argentina.

Ela é co-editora, com Patricia Beattie Jung e Radhika Balakrishnan, de *Good Sex: Feminist Perspectives from the World's Religions*. É autora de *Fierce Tenderness: A Feminist Theology of Friendship*. É também membro da Society for Christian Ethics e da American Academy of Religion. Eis a entrevista:

***IHU On-Line* - O que a senhora entende por teologia lésbica feminista? O que distingue essa teologia?**

Mary Hunt - A teologia feminista é uma reflexão crítica em experiência da perspectiva daqueles que priorizam o bem-estar das mulheres e crianças dependentes em um mundo injusto. Lésbicas (e devo acrescentar libertação, que deixa clara a marginalização, mulheres excluídas, especialmente mulheres lésbicas) têm uma importante perspectiva que precisa ser incluída na reflexão teológica. Não há grande coisa que essa teologia tenha escrito ainda. Eu, por exemplo, escrevi um artigo intitulado "Teologia feminista lésbica", p. 319 - 334⁷ reivindicando que alguns

assuntos que precisam de atenção são expressão sexual lésbica, maternidade compartilhada, chamada lésbica à santidade. Meu texto é mais um esboço para um retrato do que um produto acabado, mas ajuda a apontar onde o trabalho precisa ser feito.

Bernadette Brooten⁸ produziu textos úteis sobre mulheres lésbicas no período do cristianismo antigo, argumentando que foi a falta de uma parceria dominante/submissa na

desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005. (Nota da *IHU On-line*)

⁸ Bernadette Brooten: É professora de teologia na *Bradeis University*, doutora pela *Harvard University* com a tese "*Inscriptional Evidence for Women as Leaders in the Ancient Synagogue*". Ela coordena o *Feminist Sexual Ethics* Project que nos dias 15 e 16 de outubro, promove a conferência *Conference Beyond Slavery: Overcoming Its Religious and Sexual Legacy*. Confira: <http://www.brandeis.edu/projects/fse/> (Nota da *IHU On-line*)

⁷ Patrícia Beattie Jung e Joseph Andrew Coray (orgs), *Diversidade Sexual e Catolicismo para o*

presença de duas mulheres que fez da prática sexual lésbica uma prática transgressiva. O padrão comum era, claro, um homem dominante e uma mulher submissa, ou até um homem dominante (normalmente mais velho) e um homem submisso (normalmente mais novo). Poder-se-ia argumentar que a noção de sexo entre iguais é uma contribuição lésbica ao pensamento cristão ocidental.

IHU On-Line - Existe uma exclusão da experiência lésbica na teologia moral católica sobre homossexualidade?

Mary Hunt - A maioria das teologias católicas sobre homossexualidade é baseada na experiência, na anatomia e no agenciamento masculino. Existem algumas referências em cartas recentes de bispos norte-americanos, por exemplo, de lésbicas junto com homens gays, mas que eu saiba não há, virtualmente, nenhuma referência específica à expressão sexual lésbica.

IHU On-Line - Estes seriam alguns sinais da revisão do conceito oficial da Igreja de que pessoas homossexuais são "intrinsecamente más"?

Mary Hunt - Na verdade, gays/lésbicas não são "intrinsecamente maus" de acordo com esta teologia antiga [no original, literalmente "fora de moda"]. Pelo contrário, suposições heterossexistas são a base dos ensinamentos do Vaticano de que a orientação homossexual "é uma tendência mais ou menos forte inclinada para um mal moral intrínseco; assim, a própria inclinação deve ser vista como um desvio objetivo."⁹. Do mesmo modo, o Vaticano sustenta que "práticas homossexuais são intrinsecamente desviantes e não podem ser aprovadas de maneira

nenhuma"¹⁰. Mas uma vez que tal análise é despida da noção de que pessoas de sexos opostos são requisito para sexo moralmente coerente, como a atual pesquisa sobre sexo/gênero certamente faz, e livre do fardo de provar que existe apenas uma boa maneira de exercer a sexualidade, estes ensinamentos devem cair por terra e sumir. Entretanto, existem indícios de que eles estão ficando mais repressivos com os documentos sobre homens gays no seminário divulgados recentemente. É largamente predito de que haverá pelo menos uma implícita, se não explícita, proibição de homens gays no seminário.

IHU On-Line - O que pode ser o erotismo como poder?

Mary Hunt - Audre Lorde, teórica e poeta afro-americana, escreveu sobre o erotismo como poder. Concordo com ela que esta é uma maneira de manter contato com uma energia focada em boas e positivas razões. Acho que a experiência erótica feminina, especialmente experiências entre elas mesmas, é tão poderosa que é temida.

IHU On-Line - Como a senhora redefine o conceito de amizade e quais são suas implicações políticas?

Mary Hunt - Escrevi bastante sobre amizade em um livro de 1981, *Ternura Feroz: Uma Teologia Feminista da Amizade*. Penso a amizade não como uma categoria menos importante¹¹ depois do casamento, mas como uma experiência potencialmente universal das relações humanas feitas de amor, poder/força, sexualidade e

⁹ Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta aos Bispos da Igreja Católica na Pastoral Cuidado aos Homossexuais*, 1º de outubro, 1986, parágrafo 3.

¹⁰ Congregação para a Doutrina da Fé, *Declaração sobre Determinadas Questões Relativas à Ética Sexual*, 29 de dezembro, 1975, parágrafo 9.

¹¹ No original, a expressão usada pode querer dizer categoria menos importante ou categoria prêmio de consolação. Traduzindo a expressão do original literalmente, a expressão ficaria como "categoria também participou [da competição, do concurso]", para aqueles que não são os vencedores.

espiritualidade. A amizade é disponível para todos; o casamento é disponível para algumas pessoas. As amizades vêm em uma infinidade de formas, mas a amizade feminina, que a antiga filosofia grega, por exemplo, nem sequer reconhecia, é uma fonte de incrível energia para a mudança social assim como para a satisfação pessoal. Eu proponho amizade e não casamento (pelo casamento as pessoas podem ser amigas, claro) para a realização da experiência normativa do adulto humano.

***IHU On-Line* - Como a senhora descreveria o Chamado Lésbico para a Santidade?**

Mary Hunt - Como uma chamada para a santidade de qualquer outra pessoa, mulheres lésbicas são inteira e igualmente parte de todas as comunidades fiéis. Assim sendo, a detestável retórica do Vaticano obscureceu a bondade e o valor das mulheres lésbicas. Eu procuro mostrar isso.

A antropologia teológica de João Paulo II e a diversidade sexual

Entrevista com Susan Ross



Susan Ross é professora de Teologia na Loyola University de Chicago, onde ensina desde 1985 e onde cursou seu doutorado. É autora de *Extravagant Affections: A Feminist Sacramental Theology* (Continuum, 1998), e de *For the Beauty of the Earth: Women, Sacramentality, and Justice* (Paulist, 2006). Susan Ross foi diretora do Women's Studies Program na Loyola, e participa do conselho editorial da *Concilium*, revista teológica internacional, editada em várias línguas, inclusive o português. No Brasil a revista é publicada pela Editora Vozes. Confira, a seguir, a entrevista que

ela concedeu, por e-mail, para a revista *IHU On-Line*, na qual, fala que “a antropologia teológica de João Paulo II é muito mais Mariana do que Cristã”.

***IHU On-Line* - Como a senhora caracteriza a antropologia teológica de João Paulo II? Qual era sua visão sobre a homossexualidade?**

Susan Ross - Eu caracterizaria a antropologia teológica de João Paulo II como sendo “complementaridade”: quer dizer, João Paulo II vê homens e mulheres como igualmente criados à imagem de Deus, mas esses homens e essas mulheres são diferentes e únicos biológica e espiritualmente. Ele vê isso esculpido na história da criação no Gênesis 2:3, em que Deus criou a mulher para que o homem não ficasse sozinho. Esta criação de seres humanos em relação é moldada depois da Trindade, onde o próprio ser de Deus está no relacionamento. Para ele, homens e mulheres se “completam” uns aos outros (assim, “complementaridade”) e ser homem ou mulher não é apenas diferença de funções, mas uma diferença de espiritualidade. Deus está relacionado à humanidade como um marido à esposa, ou, para usar sua terminologia, como um noivo está relacionado à sua noiva. Estes papéis não são intercambiáveis. Por causa da visão da humanidade de João Paulo II, ele (assim como o Vaticano) enxergava práticas homossexuais como violações do intento de Deus na criação de homem e mulher. Homossexualidade, na linguagem do Vaticano, é uma “desordem ou desvio intrínseco”, uma maneira de dizer que há algo errado. O Vaticano vem pensando que a maioria dos homossexuais não “escolhe” sua orientação, mas se descobre atraída pelo mesmo sexo. Isso é um infortúnio, mas não significa que este desejo tenha que ser posto em prática. Pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo sexo são chamadas a lembrar do sofrimento de Cristo e a viver vidas celibatárias. Relações homossexuais não correspondem ao modelo “noivo-noiva” que foi padronizado para a humanidade. Conseqüentemente, simplesmente ser homossexual não é

pecado (embora seja um sinal de que algo está errado), mas é pecado praticar esta orientação.

***IHU On-Line* - Quais as concepções que apareciam nos textos do último Papa sobre o homem e a mulher? Quais seriam os principais problemas desses conceitos?**

Susan Ross - Existe uma consistência nos ensinamentos de João Paulo II sobre homem e mulher, como esbocei na primeira resposta. João Paulo II não é terrivelmente diferente de seus predecessores, mas é único em seu enfoque sobre sexualidade, como se pode ver em seu *Teologia do corpo*. Não acredito que os papas anteriores tenham gasto tanto tempo no tópico “sexualidade” como ele.

O que acho problemático nos escritos de João Paulo II é um “essencialismo” que enxerga mulher e homem como tendo qualidades “essenciais” (por isso o nome), originais de seus sexos. Homens são aqueles que são ativos, têm iniciativa, e, quando padres, podem esculpir Cristo para a humanidade. Mulheres são receptivas, ouvintes, e, como Maria, recebem o amor e a palavra de Deus, enquanto ambas as qualidades podem ser verdadeiras em ambos os sexos (homens podem receber, mulheres podem tomar a iniciativa). João Paulo II enxerga essas qualidades não apenas como o intento de Deus na criação humana, mas também na semelhança de todas as mulheres através do tempo e do espaço: mulheres são, por natureza, ouvintes, receptoras/receptivas, e criadoras/educadoras. Homens são os atores [que são ativos], os iniciadores e líderes. Ele vê as mulheres como “especialistas” em relacionamento, e essas mulheres têm uma “concretude” em seus interesses que salva o homem de ser tão abstrato. Acho que essas idéias reproduzem concepções estereotipadas das mulheres que são reforçadas pelas tradições sociais. Finalmente, essas idéias significam que

os homens são mais semelhantes a Deus que as mulheres, o que contradiz o Gênesis 1:27-28 (Deus criou a humanidade a sua imagem e semelhança, homem e mulher). Então os textos de João Paulo II são problemáticos quanto às relações humanas (sugerindo a subordinação das mulheres aos homens) e à teologia (em como pensamos Deus/no que pensamos de Deus).

IHU On-Line - Quais as conseqüências antropológicas e teológicas que poderiam surgir do fato de que a Igreja Católica tem uma mulher (no caso Maria, mãe de Jesus) como um modelo universal para todas as mulheres?

Susan Ross - Maria é compreendida por João Paulo II, e por outros antes dele, como modelo para as mulheres. Se isso significa, como sugerido por João Paulo II, que as mulheres são “essencialmente” receptoras, ouvintes, obedientes, então vejo um problema, pois este modelo reforça imagens estereotipadas das mulheres. Como sempre, elas são o número 2: respondendo, ouvindo e obedecendo ao número 1 (homens, Deus). Nem todas as mulheres são mães, e nem todas as mulheres são apropriadas para ser mães. Mas se Maria é vista como modelo para toda a humanidade, todos nós, homens e mulheres semelhantes, respondemos ao chamado de Deus com todo nosso coração, corpo e mente. Então, acho que Maria é um bom modelo de papel, mas não apenas para as mulheres. Isso depende de como Maria é compreendida. Existe uma longa tradição de gente que acha Maria mais “próxima” de si que Jesus ou seu Pai, uma vez que ela é totalmente humana e compreende as experiências pelas quais passamos. Não tenho problema com isso. Na verdade, vejo isso como uma maneira de recuperar um lado feminino do divino que se perde quando Deus é visto como completamente masculino. Mas tenho,

sim, um problema com isso quando sugere que as pessoas simplesmente aceitem seu sofrimento, especialmente quando é injusto.

IHU On-Line - No pensamento de Wojtyla, qual seria a visão teológica e antropológica de Jesus?

Susan Ross - No pensamento de João Paulo II, Jesus é o redentor da humanidade (veja sua Encíclica *Redemptor Hominis*). Eu caracterizaria a Cristologia de João Paulo II como Cristologia “alta”, significando que ele começa com a segunda Pessoa da Trindade que caiu do paraíso para salvar a humanidade (ao contrário de uma Cristologia “baixa” que enfatizaria o Jesus de Nazaré humano vindo a ter consciência de sua missão divina). João Paulo II vê Jesus como sempre ciente de sua missão como redentor e nunca separou a natureza humana da natureza divina de Cristo. Então, de um modo bastante interessante, a antropologia teológica de João Paulo II é muito mais Mariana do que Cristã. Isso porque Maria é um ideal e um modelo humano. Jesus é divino e humano, então não deve ser jamais considerado como apenas humano. Nós, como seres humanos, somos chamados a seguir Jesus e moldar nossas práticas nas suas: então somos chamados a obedecer ao Pai, como Jesus; para sofrer, como foi com Jesus.

IHU On-Line - Como a teologia e a antropologia podem contribuir para um melhor entendimento da homossexualidade, da heterossexualidade e da boa familiaridade entre ambas as tendências?

Susan Ross - É preciso refletir sobre como a teologia e a antropologia teológica podem contribuir para uma melhor compreensão de nossa sexualidade, tanto a homossexualidade, como a heterossexualidade. A teologia, como a entendo, é extraída de pelo menos quatro fontes: as Escrituras, a

Tradição, a razão e a experiência. Ainda, a boa teologia também precisa ser fiel a estas quatro fontes, então a boa teologia não pode contradizer abertamente os sentidos das Escrituras, nem contradizer nossa experiência humana (nem a razão, nem a tradição). Mas em alguns casos, uma dessas quatro dimensões pode ser enfatizada mais do que as outras, dependendo da questão.

O contexto das Escrituras

Para ter uma teologia da sexualidade fiel às Escrituras, ainda que não-baseada em uma interpretação literal (palavra por palavra), deve-se estar ciente do contexto das várias afirmações das Escrituras, especialmente aquelas que dizem respeito à homossexualidade. Alguns que as têm usado contra a homossexualidade pegam passagens fora de contexto e não compreendem que as concepções antigas de sexualidade diferem significativamente das nossas. Alguns artigos do livro (DiVito, White, Malina, D'Angelo) expressam, melhor do que eu posso expressar aqui (não sou estudiosa das Escrituras), como essas passagens são vistas pelos especialistas. No entanto, sobretudo, eu diria que a visão bíblica da sexualidade é a do amor, da fidelidade e da intimidade. Também é preciso ser dito que as relações heterossexuais na Bíblia são comumente retratadas de forma muito desigual, onde é dito às mulheres que obedeçam a seus maridos, onde Israel é comparada a uma esposa infiel. Aqueles que apelam para Bíblia para sustentar a relação heterossexual saudável poderiam apontar as mesmas idéias de amor, fidelidade e intimidade.

Novamente a importância do contexto

Quando se trata de Tradição, novamente devemos ver como as afirmações da Igreja se relacionam com seu contexto. A homossexualidade como assunto específico só apareceu no último século ou pouco mais que isso

(mesmo o termo foi cunhado apenas no século XIX). A maioria dos que se opõem à homossexualidade argumentariam que a Igreja não tem tradição de honrar relações entre sexos iguais, e se sim, é a de que é uma anormalidade. Aqueles que argumentam em favor de que a Igreja tenha uma atitude mais positiva para com a homossexualidade apontariam para uma outra tradição da Igreja que mudou, como a antiga tolerância da Igreja à escravidão que mudou para a condenação da escravidão. A tradição da Igreja também mudou no que tange às relações heterossexuais: as mulheres não fazem mais votos de obediência aos maridos, e a reciprocidade é mais fortemente enfatizada.

Uma combinação de psicologia e cultura

Com relação à razão, os teólogos procuram consultar as melhores fontes de conhecimento. Neste caso, os teólogos chegarão ao fato de que psicólogos e psiquiatras não mais vêem a homossexualidade como desvio/desordem mental que necessita ser “curada”. Temos um avanço da pesquisa com homossexuais hoje em dia que mostra sua “saúde” espiritual e mental. No que se refere aos heterossexuais, ainda estamos aprendendo grandes coisas sobre como mulheres e homens compreendem sua sexualidade. É uma combinação daquilo que nos é “dado” (nossa psicologia) e daquilo que “aprendemos” (nossa cultura, etc.) de maneira que é impossível classificar, mas que inclui ambos. As feministas discutem que os modelos de papéis tradicionais precisam ser cuidadosamente pensados no que é relativo às suas implicações, uma vez que muitas dessas tradições são baseadas em idéias de “inferioridade” feminina.

A experiência

E, finalmente, com relação à experiência, os teólogos chegarão a

experiências de várias pessoas atualmente de relações homossexuais como saudáveis e capazes de ser modelo de bons relacionamentos aos heterossexuais; das graças que relacionamentos homossexuais podem conferir aos parceiros e àqueles que os amam. Casais heterossexuais apontariam para caminhos em que mulheres e homens possam assumir novos papéis e desafios que beneficiem ambos. Acho que estes dois últimos indicam uma antropologia da sexualidade assim como uma teologia.

IHU On-Line - Quais as principais dificuldades para a metáfora do casamento atualmente? Como isso nos ajuda na compreensão da relação humano-divino?

Susan Ross - Sobre esse tópico eu apontaria o ensaio de Cristina L. H. Traina¹² no livro *Diversidade sexual e Catolicismo* que sugere o que alguns dos problemas com a metáfora do casamento podem acarretar quando aplicados ao casamento. Acrescentaria a isso que, quando Deus é visto como apenas o noivo, então os homens são vistos mais como Deus do que as mulheres. E, como disse acima, acho isso uma contradição da mensagem bíblica, que diz que homens e mulheres são criados à imagem de Deus. Novamente, quando mulheres são vistas apenas para receber, ouvir, obedecer e responder, suas capacidades humanas inteiras e sua agência/gerência moral são reduzidas. Se esta metáfora não é compreendida de forma demasiadamente literal, isso permite que todos os seres humanos se vejam como a noiva em relação ao Deus como noivo. Mas nós, seres humanos, somos talhados por nossa linguagem mais do que percebemos, e esta metáfora tende

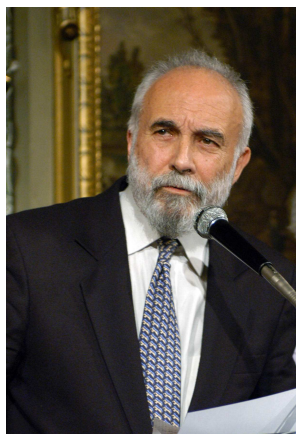
a reforçar uma imagem de Deus como mais masculino do que feminino. Eu sugeriria uma maior confiança sobre a idéia da Trindade na dança do relacionamento (perichoresis¹³) que tal confiança cega nessa metáfora do casamento.

¹² Professora na *Northestern University* é casada e mãe de três filhos. É autora do artigo *"Ideais papais realidades conjugais: uma perspectiva a partir da base"*, publicado no livro citado acima *Diversidade sexual e catolicismo*, p. 299-318. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ Termo grego para a convivência mútua das três Pessoas da Trindade.

O PT não é o menos pior. Mas ainda é melhor que o PSDB

Entrevista com o professor Francisco Whitaker



Francisco Whitaker é arquiteto e foi vereador pelo PT na Câmara de São Paulo, hoje não pertence mais aos quadros petistas. Tornou-se um crítico atento ao governo Lula e ao PT. Ele concedeu entrevista exclusiva à **IHU On-Line** na qual falou sobre a importância do segundo turno no País, projetos de PSDB e PT, posição da Igreja na política nacional e eleições.

Whitaker foi presidente da Juventude Universitária Católica - JUC - em 1953-1954, assessor da CNBB no 1º

Plano Pastoral de Conjunto em 1965-1966, e assessor da Arquidiocese de São Paulo e da CNBB de 1982 a 1988. É sócio fundador da Associação Transparência Brasil e foi professor no Instituto de Formação para o Desenvolvimento de Paris e no Instituto Latino-Americano de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ilpes/ONU). Dia 8 de dezembro, Francisco Whitaker irá receber em Estocolmo, no Parlamento Sueco, o Nobel Alternativo. A premiação será entregue pelo trabalho de mais de 50 anos de militância por um mundo com maior igualdade social.

Confira a entrevista, que foi originalmente publicada no site do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 6-10-2006.

IHU On-Line - Como o senhor analisa as eleições de 1º de outubro e a ida ao segundo turno de Lula e Geraldo Alckmin?

Francisco Whitaker - O fato de o PT não ter vencido no primeiro turno esmagadoramente está levando a necessidade de rever algumas coisas. Eu acho que isso tem evidentemente vantagens, por que vai permitir ao Lula e ao partido rever como o PT funcionou. Para aqueles que querem refundar o PT, foi melhor não ganhar no primeiro turno. Agora cresce a exigência de uma revisão. Em um certo sentido, o resultado de primeiro e segundo turnos ajuda em um aspecto.

Ele é perigoso em outro aspecto, porque objetivamente, Alckmin seria a volta do esquema Fernando Henrique Cardoso que não foi bom para o Brasil. Foi um governo de submissão voluntária, colocando-se na posição de um país subdesenvolvido dependente. Não foi um projeto de procurar saídas ao modelo. O Lula não conseguiu sair desse modelo também. Objetivamente o compromisso de Lula e do PT, mesmo que esteja bem abalado, é com a mudança. Na verdade, a sociedade não pode repetir os erros que teve no primeiro mandato de Lula. No primeiro mandato de Lula, nós ficamos assistindo. Então, deixamos que as

coisas acontecessem. Nesse segundo mandato, a sociedade geral, principalmente os militantes de esquerda têm que se posicionar muito mais autonomamente. Eles têm que exigir e pressionar para que as coisas não aconteçam como antes, tanto nas políticas públicas como na ética política. Criou-se um clima novo agora e uma exigência nova. Acho isso benéfico.

IHU On-Line - O senhor acredita que o PSDB e o PT atualmente são muito próximos como projetos de governo?

Francisco Whitaker - O PT concorreu à Presidência para mudar completamente um projeto que era do PSDB. Mas na prática, só faltava ter deixado o Malan ainda como ministro da Fazenda. A continuidade foi absoluta. Mas isso não ocorreu porque PT e PSDB têm projetos idênticos. Foi porque Lula não se sentiu com a força necessária para poder enfrentar as consequências das mudanças. Ele preferiu, digamos em um certo sentido, negociar, e ao negociar, acabou cedendo demais na política econômica. Quanto à política econômica, a continuidade foi total. A gente pode até observar que o ministro do Lula, o Antonio Palocci, tinha como assessores pessoas que vinham do governo anterior. No caso dos tucanos, o projeto é mais tecnocrático. A própria maneira do Alckmin se apresentar como candidato avisa que temos que ter um choque de gestão. Como se o problema no Brasil fosse de administração. Não é. O problema aqui é político. A questão é ver onde tem de se concentrar mais recursos e mais possibilidades. Isso é uma questão política entre setores da sociedade. Não é uma questão de administrar bem ou mal. Ao mesmo tempo, o PSDB é um partido vinculado aos setores mais privilegiados do País. Bem diferente do PT, que é um partido com bases populares. O que o PT fez hoje foi perder as suas bandeiras. Os

que dirigiram o partido se separaram das suas bases e passaram a dirigir sem consultar as suas bases. Passaram a atuar na velha prática dos outros partidos. Principalmente na relação com o legislativo. Eles passaram a raciocinar como se todos os meios fossem bons para garantir uma maioria parlamentar. Não é assim que se mudam as coisas. Teria sido preferível tentar governar com minoria no congresso e com o apoio da sociedade. Isso não é culpa especificamente do Lula. É culpa da estrutura partidária e das pessoas que assumiram a direção do partido. E isso eu digo com conhecimento de causa. Já fui vereador do PT, e no meu tempo, eu vi em dois mandatos em São Paulo, essa aceitação das regras espúrias da política brasileira. Por exemplo, fazer qualquer coisa para ganhar uma eleição significa aceitar qualquer lei.

IHU On-Line - Existe a possibilidade de surgir uma nova esquerda no País?

Francisco Whitaker - Talvez isso seja um desejo. A própria esquerda vai ter que se rever enquanto esquerda. Não no sentido de posições, mas no sentido de estruturas. Por exemplo, será que estamos condenados a só atuar por meio de partidos ou temos que abrir espaço para as organizações da sociedade civil e ter uma presença política mais forte? Isso é uma alternância. Digamos que seja uma esquerda de outro tipo. Quando falamos em esquerda, pensamos muito em partido político. Talvez tenhamos que superar essa limitação dos partidos. Os partidos são instituições condenadas a se deglutirem mutuamente e internamente. Os partidos se transformam em arenas de disputas de personalidades, de carreiras políticas e perspectivas pessoais. Foi impressionante vermos como isso aconteceu dentro do PT. Isso não é esquerda, é o sistema tradicional político. Quando falamos de uma nova

esquerda, seria uma esquerda que assumisse essa necessidade de mudanças.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a posição da Igreja Católica com relação à política nacional? Como ela deve se posicionar no segundo turno entre Lula e Alckmin?

Francisco Whitaker - Acho que ela não vai se posicionar. A Igreja é suficientemente diversificada para tomar uma posição desse tipo. Ela vai continuar fazendo o que sempre fez. Vai alertar os eleitores para a sua responsabilidade e seu poder como eleitor. Vai alertar para a necessidade de pensar o País e não nos seus interesses imediatos. Normalmente a Igreja, é composta pelo povo de Deus, ou seja, ela é formada tanto de bispos como de padres, religiosos e leigos. Existe uma variedade muito grande de posições. Muitos setores estão extremamente engajados na mudança. Assim como alguns setores, por exemplo, a Opus Dei, que dizem que está por trás do próprio Alckmin. A Igreja não é um bloco uniforme, acho que vai ter uma variedade muito grande de opiniões. Ela é um espaço de descoberta da nossa consciência de cidadania.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre as manifestações de Frei Betto?

Francisco Whitaker - Não tenho lido muito não. Suponho que ele esteja optando ao apoio ao Lula. Ele tem um poder muito forte de comunicação. Ele é muito ouvido principalmente nos setores jovens e nos movimentos sociais em geral.

IHU On-Line - O PMDB pode rachar com o apoio ao PT e PSDB nas eleições de 29 de outubro?

Francisco Whitaker - Não vai rachar. O PMDB tem uma sabedoria pragmática de décadas. Ele sempre vai se manter em dois pedaços. A novidade que vai

haver no futuro é a junção dos pequenos partidos. Existem partidos completamente fora de espaço. Um caso, por exemplo, típico acontecido agora aqui em São Paulo: teve um partido, que pouca gente conhece, que elegeu um cidadão que nem sabe o que é ser deputado: o Clodovil. Ele foi eleito com uma quantidade esmagadora de votos, parece-me que foi o terceiro mais votado. Quando é entrevistado, o máximo que ele diz é que vai “chiquerrimo” na sua posse. Mas ele nem sabe para que serve - ele diz isso com todas as letras - um deputado. Ele reflete muito que a maioria da população pensa. Mas com a votação que o Clodovil fez ele acabou levando para a câmara um deputado que é coronel reformado da polícia militar. Ele fez 8 mil votos. Esse coronel é absolutamente contra os homossexuais. Clodovil é uma pessoa de orientação sexual assumidamente gay. Esse coronel é absolutamente contra os homossexuais. Na verdade, isso é uma loucura brasileira. Quer dizer, no mesmo partido o mais votado traz consigo aquele que é contrário a ele.

IHU On-Line - O senhor já sabe em quem vai votar no segundo turno?

Francisco Whitaker - Não tenho dúvida que irei votar no Lula no segundo turno. Não tenho muita escolha. Agora, são efetivamente projetos antagônicos. Mesmo que eu tenha muitas reticências com relação a Lula e dúvidas que eu tenha sobre o PT. Não diria que o PT é o menos pior, é o ruim que está do nosso lado, mas é melhor que o outro, o PSDB, este é o partido da conservação do sistema como ele é, na submissão voluntária a essa mundialização dominada pelos interesses do capital.

destaques da semana

Artigo da Semana	pg. 27
Entrevistas da Semana	pg. 29
Filme da Semana	pg. 35
Teologia Pública	pg. 37
Deu nos jornais	pg. 41
Frases da Semana	pg. 43
Destaques On-Line	pg. 45

Existe uma esquerda na América Latina?

Por Alain Touraine

Alain Touraine, sociólogo francês, autor do livro recém-publicado no Brasil, *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje*, Petrópolis: Vozes, 2006 e na França, ele acaba de publicar o livro *Le Monde des Femmes* Paris: Fayard, 2006, escreveu o artigo *Existe uma esquerda na América Latina?*, publicado no jornal Página/12, 8-10-2006. Eis o artigo, que está disponível no site www.unisinos.br/ihu nas *Notícias Diárias* de hoje, 9-10-2006:

“O resultado de muitas das eleições realizadas na América Latina nos últimos meses levou muitos observadores a descrever a evolução para uma esquerda distante das posturas dos EUA, que se apoiaria em setores sociais que poderiam chamar-se de “populares”. Entretanto, resulta de pouco proveito empregar expressões que foram inventadas para um contexto totalmente diferente. A linguagem correspondente a um regime parlamentar se aplica necessariamente mal a uma linguagem presidencial ou semipresidencial. No caso latino-americano, se ajusta tão mal que creio ter boas razões para defender uma posição bem distante da que se expressa mais freqüentemente. Que Alan García tenha ganhado as eleições no Peru e que Felipe Calderón se tenha imposto no México não significa, evidentemente, que a América Latina esteja avançando para a direita.

A hipótese que deve ser formulada é que o continente se afasta mais de um modelo senão parlamentar, pelo menos, apoiado em mecanismos de oposição entre grupos de interesses e de ideologias diferentes. Hoje a América Latina parece mais longínqua de encontrar uma expressão política para seus problemas sociais que há trinta anos. Nisto radica o essencial: isso é o que está em jogo e aí está o fracasso.

Na América Latina, não se constituiu um laço entre os movimentos sociais, fundados nos trabalhadores, em setores urbanos ou, inclusive, em grupos étnicos, e os partidos políticos aceitem colocar claramente as lutas sociais dentro de um marco institucional que se poderia chamar, ao menos formalmente, democrático.

Incapaz de elaborar uma política fundada nos direitos democráticos e de empreender reformas estruturais profundas, a América Latina nunca conseguiu sair de uma mescla confusa de nacionalismo e populismo – cujo exemplo mais conhecido foi o peronismo –, o qual conduziu a duplo fracasso: o fracasso ou o desaparecimento do sistema político e a ausência de transformação social. Isso se pode observar na crise argentina de 2001, que não representou o levantamento da classe operária, mas, pelo contrário, a queda massiva da classe média.

Os últimos acontecimentos políticos em vários países do continente não animam de nenhum modo a idéia de um movimento geral para a esquerda. Novamente se impõe a conclusão: o fracasso perdurável e profundo de uma democracia social vigorosa. O problema que é preciso formular claramente, hoje, é o das oportunidades da nova política de ruptura inspirada por Fidel Castro e representada pela Venezuela. Hugo

Chávez tem, diante desse modelo, as chances de um voluntarismo político e social muito mais radical, em particular em contraste com os países do Cone Sul. O lugar, porém, onde se decide a vida política do continente não é a Venezuela. É que, apesar dos progressos conseguidos desde sua eleição, o de Chávez segue sendo um modelo fraco de transformação social, se consideramos os imensos recursos obtidos pelo aumento brutal do preço do petróleo. A chave da política do continente e da sua capacidade de inventar um modelo político e social capaz de operar sobre uma situação extremamente difícil é, sem dúvida nenhuma, a Bolívia. Parece existir uma consciência geral sobre a necessidade de aceitar o modelo boliviano tal como se está conformando, em sua radicalidade, seu nacionalismo e seu heroísmo, nos seus excessos de linguagem e também de ações. Estou entre aqueles que pensam que o futuro político do continente depende hoje antes de tudo das oportunidades da Bolívia de construir e fazer realidade um modelo de transformação social e, ao mesmo tempo, ganhar independência na relação com a retórica de Chávez.

No que diz respeito à Argentina, parece-me que, como para os demais países, fracassou o modelo nacional-populista das décadas passadas. O país começa a emergir da catástrofe que destruiu a economia e sua sociedade sem que os resultados obtidos ponham de manifesto progressos importantes na governabilidade, já que a recuperação se sustenta em três fatores: o forte aumento das exportações para a China, a ajuda financeira dada por Chávez e a rápida concentração do poder nas mãos de Kirchner.

Se a Argentina tivesse que inventar um novo modelo de desenvolvimento, este deveria ser mais de tipo liberal, dada a importância do comércio internacional na economia e, sobretudo, dado que o

futuro do país depende em grande medida da sua capacidade de dotar-se de elites políticas, administrativas e econômicas. Tampouco é possível, no caso da Argentina, falar de esquerda e direita; a lógica da situação avança para soluções voluntaristas, mas liberais, que não podem ser equilibradas pela resistência e a capacidade ampliada de decisão do presidente Kirchner.

Ninguém pode assegurar o triunfo ou o fracasso da América Latina. No momento, o retorno da fé fez muitos países se consolidarem, apesar das imensas dificuldades, um clima, se não eufórico, pelo menos moderadamente otimista. Em todo o caso, na América Latina se percebe uma confiança no futuro que não existe em nenhuma parte do mundo, com exceção da Espanha. Assim sendo, a conclusão com a qual quero me comprometer, ao menos na medida da minha capacidade de análise, é que somente uma radicalidade política muito maior que do período recente permitirá aos países latino-americanos escaparem das aparentes soluções que na realidade implicam um grande perigo: por um lado, um governo de elites liberais apoiadas numa economia mundial globalizada e, por outro lado, o que se poderia chamar uma “ilusão neocastista”. Essa conclusão bem inquietante não condiz com a imagem que tem de si mesmo um país importante do continente: Chile, que se sente cada vez menos pertencente à América Latina e que espera, de acordo com a célebre frase do ex-presidente Lagos, enriquecer com o comércio com o Leste e o Oeste do mundo, como o fez a República de Veneza. Esta é uma alternativa extrema para uma das soluções possíveis, da globalização exitosa; a outra é a que, apesar da sua fragilidade, toma forma na Bolívia. Hoje me parece difícil definir outras soluções possíveis entre essas duas tendências profundamente opostas.”

“Quem tirou os votos do Lula aqui no RS foi a Heloísa Helena”

Entrevista com Benedito Tadeu César

Essa declaração, entre outras, foi dada por Benedito Tadeu César em entrevista por e-mail à **IHU On-Line** e publicada originalmente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), www.unisinos.br/ihu em 07-10-2006.

Benedito, que leciona na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (FAFIRC) e mestre em Antropologia Social pela Universidade de Campinas (Unicamp). Cursou doutorado em Ciências Sociais também pela Unicamp com a tese *Verso, reverso, transverso - O PT e a democracia no Brasil*. É um dos autores de *Estrutura Atual de Classes no Espírito Santo*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo/Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo/Rede Gazeta, 1987 e *A Contribuição Social do Industrial Gaúcho*. Porto Alegre: FIERGS/Conselho de Cidadania, 1999. Sua publicação mais recente é *A Contemporaneidade Possível - perfil social e projeto político (1980/1991)*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

IHU On-Line - O que faz do eleitor gaúcho não deixar um governo estadual se reeleger?

Benedito Tadeu César – Eu tenho impressão que há polarização partidária aqui. Temos no Rio Grande do Sul um índice de filiação partidária maior que os outros Estados e mais que a filiação, temos um posicionamento partidário e ideológico relativamente estável. Isso faz com que aqueles que são derrotados numa eleição se organizem em outra eleição para reconquistar o eleitorado que tinham e voltar ao poder. Veja que desde o período de 1946 a 1964, víamos uma alternância entre o PTB e o anti-PTB. Agora temos uma alternância que ficou muito claro em Porto Alegre o PT e o anti-PT. Temos no Estado posições

mais firmemente definidas. Não existe a hegemonia de um campo. A disputa fica sempre muita acirrada.

IHU On-Line - É a primeira vez que o PSDB entra na disputa ao governo com o PT, o que está mudando no Estado?

Benedito Tadeu César – Sim, é a primeira vez. O PSDB já foi vice de três outros governos aqui. Não é um partido virgem do exercício governamental aqui no Estado. Foi vice do Alceu Collares, do Antonio Britto e do Germano Rigotto. O PSDB é um partido que vem se fortalecendo dentro da máquina no Estado e está se enraizando aqui.

IHU On-Line - Luís Inácio Lula da Silva sempre fez um bom número de votos no Rio Grande do Sul, o que determinou essa derrota para Alckmin no primeiro turno das eleições?

Benedito Tadeu César - Tem uma boa parcela que é pelo anti-petismo. Mas temos também uma parcela do eleitorado tradicional do PDT no Estado que com a retirada do apoio do PDT ao governo Lula, deixou de votar. Também existe a possibilidade de não terem votado em Cristovam Buarque e nem em Lula. Observa-se a boa votação da Heloísa Helena aqui no Rio Grande do Sul que é um voto ideológico mais firme e decepcionado com o governo Lula. É um voto que não tem muito a ver com a corrupção, ele já havia migrado para a Heloísa Helena antes destas questões, ao menos, dessas últimas do governo Lula, é o caso do Dossiê de Cuiabá. Se somarmos os votos da Heloísa Helena aos do Lula no primeiro turno, Lula fica muito próximo da votação que ele sempre teve aqui. Fica ainda um pouco abaixo. Quem tirou os votos do Lula aqui no Estado foi a Heloísa Helena.

IHU On-Line - Podemos dizer que a pesquisa eleitoral aqui no RS acobertou o que realmente estava acontecendo com a candidatura de Germano Rigotto e de Olívio Dutra?

Benedito Tadeu César - O Olívio Dutra não cresceu, ele se manteve no seu patamar. Ele oscilou de 26 a 22%, e acabou em 25% dos votos. Olívio ficou abaixo do patamar histórico do PT. A votação dele em 1998 e a do Tarso em 2002, é bem maior da que ele teve agora, fica em mais de 30%. O que a pesquisa não detectou foi a transferência de votos do Rigotto para a Yeda. Mas não podemos generalizar esse erro nas pesquisas. O Instituto Métodos e o do Correio do Povo apontaram essa possibilidade de migração de votos. O grande perdedor de detecção foi o Ibope. Para variar ele

está sempre errando aqui no Estado. O Ibope fez uma pesquisa aqui na véspera da eleição mostrou uma disputa entre Yeda e Olívio para ver quem ia ao segundo turno com o Rigotto. E na boca de urna deu Rigotto e Olívio no segundo turno. Daí fica difícil entender o que eles fizeram.

IHU On-Line - O senhor acredita que os votos deixados pelo candidato derrotado Germano Rigotto vão decidir a eleição entre Olívio Dutra e Yeda Crusius?

Benedito Tadeu César - A grande disputa agora é pelos votos do Rigotto por ser um grande percentual. Os votos do Collares são baixos e o PDT já declarou apoio a Yeda. Acredito que não haja uma transferência de voto tão tranqüila, pois não há um engajamento do eleitor do PDT que siga a orientação partidária. O Turra com o percentual dele de 4%, já declarou também apoio ao PSDB. O que deve definir é a migração dos votos do PMDB, que é um voto mais volátil que o voto do PDT ou do PP. É um voto mais disputável. Uma parcela desse voto, já no primeiro turno, migrou para a Yeda. E esses votos não podem ser vistos como definitivos para Yeda.

IHU On-Line - O Rio Grande do Sul está seguindo a polarização nacional entre PSDB e PT?

Benedito Tadeu César - Sim. Nesse momento o fato do PMDB não ter apresentado candidaturas a nível nacional fez com que o candidato do PSDB se projetasse. Aqui, a candidata Yeda, foi muito beneficiada pelo nome de Alckmin como candidato a presidência.

IHU On-Line - Os movimentos sociais aqui no Estado estão dentro das campanhas ao governo estadual?

Benedito Tadeu César - Peso eles sempre têm. Mas não são eles que definem as eleições. Tenho impressão que os movimentos sociais vão entrar

mais fortemente na eleição para apoiar o Lula no plano federal, como o Olívio no plano estadual. Tem aquela coisa de que voltar o governo do PSDB é voltar

às privatizações e uma política neoliberal. Creio que os movimentos sociais vão se colocar mais em campo e se envolver mais nas eleições.

"A postura típica do PSDB é caracterizada pelo governo FHC: repressão"

Entrevista com Ivo Lesbaupin

Ivo Lesbaupin é professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduado em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, é mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e doutor em Sociologia pela Université de Toulouse-Le-Mirail, da França, com a tese intitulada *Movimento popular, Igreja Católica e Política no Brasil: aporte das Comunidades Eclesiais Urbanas de Base aos Movimentos Populares*. Lesbaupin é autor e organizador de diversos livros, entre os quais citamos *Igreja, Movimentos Populares, Política no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1983; *As Classes Populares e Os Direitos Humanos*. Petrópolis: Vozes, 1984; Igreja: *Comunidade e Massa*. São Paulo: Paulinas, 1996; *O Desmonte da nação: balanço do governo FHC*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Na edição 152, de 22-08-2005, a *IHU On-Line* publicou o artigo *Uma amarga experiência. Projeto de nação x projeto de poder*, escrito por Lesbaupin. Na edição 169, de 19-12-2005, Lesbaupin concedeu a entrevista *A trajetória das CEBs no Brasil*. Em 31-08-2006, a página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu, publicou a entrevista exclusiva *A democracia representativa não permite a soberania popular*. A entrevista que segue, concedida por e-mail, foi publicada originalmente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) em 09-10-2006, www.unisinos.br/ihu e, assim como as anteriores, está disponível para *download*.

IHU On-Line - O que o Brasil ganha com a ida das eleições ao segundo turno de Lula e Geraldo Alckmin?

Ivo Lesbaupin – Ganha um pouco mais de democracia. A campanha presidencial até o primeiro turno não teve qualquer discussão de propostas, nenhum dos dois candidatos apresentou seu projeto de Brasil. Lula deveria dizer o que pretende fazer no segundo mandato e Alckmin deveria apresentar seu projeto alternativo. Não

houve debate público de idéias, foi uma eleição despolitizada. Lembra a campanha eleitoral de 1998, morna, sem sal. O segundo turno obriga o presidente a ir aos debates, a se apresentar ao público, a se explicar. Até agora, numa postura anti-democrática, ele tinha se recusado a participar de debates. É preciso dizer que a mídia – tão exigente a respeito de certos casos – sempre achou normal o candidato mais bem colocado nas pesquisas faltar ao

debate. Nas campanhas eleitorais de FHC, a mídia nunca cobrou sua ausência, achava-a justificada. Portanto, a meu ver, o segundo turno significa debate, politização da campanha. Os eleitores vão escolher o futuro presidente do Brasil, por mais quatro anos: o que podem esperar dele?

IHU On-Line - O senhor acredita que o PSDB realmente pode rachar com esta aliança com Garotinho?

Ivo Lesbaupin - Sinceramente, partidos como o PSDB, PFL, inclusive o PT atual, são capazes de qualquer coisa para chegar ao poder, manter-se no poder ou aumentar seu poder. Não há mais qualquer limitação ética nos seus cálculos. Eles só não utilizarão meios corruptos se isso for de seu interesse, não por qualquer convicção ideológica. Não estou me referindo aos militantes de cada partido, a alguns parlamentares e ocupantes de cargos executivos: há entre estes muitas pessoas sérias e comprometidas com o bem comum. Mas o partido, a maioria de sua direção, só tem um objetivo: o poder, a qualquer custo. Vejam-se as alianças que Lula está fazendo para conquistar o segundo mandato: Sarney, Jader Barbalho, Romero Jucá, Newton Cardoso, Sérgio Cabral, Ney Suassuna. Você quer um mandato comprometido com a ética e com o fim da corrupção no Brasil? E o que dizer do Alckmin? Vai de Garotinho, no mínimo. Sem falar das privatizações, do caso Banestado, do SIVAM, etc.

IHU On-Line - Existe a possibilidade de surgir uma nova esquerda no país?

Ivo Lesbaupin - A esquerda não desapareceu: ela foi duramente atingida pelo governo Lula. O principal líder da esquerda, forjado ao longo de mais de vinte anos de lutas e de partido, ao chegar ao poder, bandeia-se para o outro lado com uma convicção de fazer inveja a qualquer líder de direita. (E provoca inveja real, de FHC). A

esquerda ficou perplexa, perdeu um líder, o qual, imediatamente, acionou seus subordinados para submeter o principal partido de esquerda do país, o PT, a seus interesses de poder. O PT deixou de ser o partido anti-neoliberal, comprometido com os interesses dos trabalhadores, para se tornar o partido disposto a apoiar qualquer projeto neoliberal, desde que apresentado pelo governo Lula. O “new PT” expulsou os parlamentares que se mantinham coerentes ao programa do partido, a seus princípios, a seu projeto. Provocou uma grande confusão entre seus militantes, que não sabiam se deviam apoiar ou denunciar o governo e se dividiram. Outros setores de esquerda passaram a criticar fortemente o governo neoliberal de Lula.

Confusão

As políticas melhores do governo Lula – política externa, ações da polícia federal, bolsa-família e outras – ajudaram a dificultar a análise. Para alguns setores da esquerda, a política econômica neoliberal passou a não ser tão importante, e estas outras políticas – todas secundárias em relação à política econômica – serviram para definir o governo Lula como um governo “de esquerda”. Quando estouraram as denúncias de corrupção, inclusive nos altos níveis do partido, muitos se distanciaram do PT. Mas a agressividade cada vez maior da direita e da mídia levou outros a reconsiderar: “se a direita está contra, só pode ser porque é de esquerda”. Neste momento, é esta a confusão que se está fazendo: dado o comportamento histórico da direita partidária (PSDB-PFL) para retomar o poder, muitos acham que é preciso defender o governo Lula como um governo “de esquerda”.

A direita partidária quer mesmo retomar o poder, mas isto não significa que o governo Lula seja de esquerda. Lembro de uma análise que foi feita em março de 2003 (três meses de governo) por Reinaldo Gonçalves, economista

que era do PT: ele dizia que Lula estava fazendo as políticas da direita, as políticas neoliberais (reforma da previdência, etc.), que ia satisfazer a direita durante algum tempo e que, depois, a direita iria procurar de volta o poder – que havia deixado temporariamente –, como quem joga fora o bagaço da laranja, já totalmente sugada; e que, neste momento, Lula iria buscar novamente o apoio daqueles a quem havia abandonado; no entanto, para muitos, já seria tarde demais. Parece profético, não? Concluindo: a esquerda está em boa parte desarticulada, mas já está se reconstituindo, se articulando, se reorganizando. E não necessariamente sob a forma de partido.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a posição da Igreja Católica com relação à política nacional?

Ivo Lesbaupin – De modo geral, a Igreja católica manteve-se, ao longo do governo Lula, com uma posição crítica. Nas manifestações públicas, sempre cobrou do governo uma postura mais decidida frente à questão social, sempre explicitou sua decepção pelo abandono das posições originais do presidente eleito. A adesão ao neoliberalismo não agradou à maior parte das lideranças da Igreja que, há vários anos, vinha denunciando as consequências negativas da submissão ao capital financeiro. O documento preparado pela CNBB para as eleições – uma espécie de cartilha – é bastante contundente. Ele apresenta os elementos principais de um projeto de nação, onde está claramente dito que a política econômica precisa ser mudada: “rever o modelo econômico e o processo de mercantilização da vida”. Neste documento, é preciso chamar a atenção, discute-se um projeto de Brasil – o que os dois candidatos mais votados não discutiram até agora nesta campanha.

Cabe aqui uma referência à atuação lamentável de um setor minoritário de

católicos com relação a uma candidata ao senado no Rio de Janeiro, no que se refere à questão do aborto (confira no site do IHU, www.unisinos.br/ihu).

Estes setores divulgaram panfletos onde chamavam a candidata de “assassina de crianças”, numa campanha caluniosa e ofensiva. Evidentemente, esta campanha contribuiu para retirar votos desta candidata e transferi-los para seu principal oponente. Temos de reconhecer que há setores da Igreja que não sabem lidar com o pluralismo de opiniões em nossa sociedade e que não respeitam a liberdade de expressão. Colocados diante de uma questão como esta, são capazes de fazer campanha para um candidato conservador, claramente identificado com as políticas neoliberais. Para estes setores, esta postura é mais adequada à defesa da vida, mesmo que tais políticas causem a morte – efetiva – de milhões de crianças no mundo. Para uma pessoa de bom senso, é difícil entender um raciocínio como este.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre os movimentos sociais e as candidaturas de PSDB e PT?

Ivo Lesbaupin – Este foi outro setor em que o governo Lula gerou enorme confusão: no meio dos movimentos sociais. Parte destes movimentos considerou que o governo Lula, apesar de suas políticas neoliberais, continuava comprometido com os trabalhadores; em função disso, manteve-se em sua defesa por todo o decorrer do mandato. Outra parte ficou algum tempo perplexa e desmobilizada, mas pouco a pouco passou a criticá-lo e a cobrar mudanças. É preciso dizer que o governo Lula tudo fez para manter os movimentos sociais do seu lado: mantendo sempre abertas as portas ao diálogo, não criminalizando suas manifestações e, no caso do movimento sindical, procurando cooptá-lo, das mais diversas formas. É evidente, por exemplo, a postura fraca da direção nacional da CUT desde o início do

governo: ao invés de defender os interesses dos trabalhadores, defende sistematicamente o governo. Mas manter os movimentos do seu lado não significou atender a suas reivindicações: a reforma agrária, por exemplo, até hoje é um sonho ainda não realizado. A demarcação da terra indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, demorou dois anos para ser homologada – e, mesmo assim, com modificações no texto original. O governo, na verdade, foi um grande despolitizador e desmobilizador dos movimentos sociais: ele não quer que haja debate, não quer que haja crítica, o que ele busca é submissão. Quanto ao PSDB, nunca buscou qualquer relação com os movimentos sociais. Sua postura típica é caracterizada pelo governo FHC: repressão.

IHU On-Line - Que futuro os partidos pequenos devem encontrar pela frente no país?

Ivo Lesbaupin – Há alguns anos atrás, organizei um seminário sobre política no Brasil. Um dos cientistas políticos presentes, Jairo Nicolau, do IUPERJ, defendia que a discussão sobre o número de partidos políticos é absolutamente inútil. Não é o parlamento que deve decidir quantos partidos devem existir: quem deve decidir é o cidadão, o eleitor. Pode haver mais de vinte partidos políticos, mas o eleitor decide que só sete serão grandes e fortes. Não cabe à lei determinar que só os atuais partidos grandes é que devem continuar grandes. Porque isto significa privilegiar os atuais partidos grandes. Ora, todo partido de oposição começa pequeno – é tipicamente o caso do PT: hoje, ele é grande, é a segunda maior bancada da Câmara, mas já foi a menor. Quem decidiu seu crescimento foi o eleitor. Isto é democrático, não a cláusula de barreira, que estabelece o privilégio de alguns em detrimento de outros e bloqueia o aparecimento de novos partidos. E, cá entre nós, quem disse

que o melhor sistema partidário é o dos Estados Unidos?

IHU On-Line - O Brasil precisa de um “choque de gestão” ou a questão é política apenas?

Ivo Lesbaupin – Para retomar esta expressão, poderíamos dizer que o Brasil precisa, sim, de um “choque de vergonha”. A elite domina este país há quinhentos anos, a elite financeira domina há dezesseis anos e, por causa disso, nós temos a maior desigualdade social do mundo. Deixamos para trás a Índia, que hoje é menos desigual que nós. Temos recursos naturais incríveis, temos riquezas imensas, temos todas as condições para promover o desenvolvimento do nosso povo, promovendo o crescimento com geração de empregos e distribuição de renda e riqueza. Mas, até hoje, nenhum governo se dispôs a isso. Cada governo que chega ao poder se compromete com a elite e abandona a grande maioria do povo à própria sorte. É verdade que o governo Lula melhorou os programas sociais, ampliou muito a cobertura do Bolsa-Família e a própria bolsa. Mas isto são migalhas ao lado do que o mesmo governo Lula transfere, em termos de renda e riqueza, para a nossa elite, para o 1% mais rico do país. Para dar uma pequena idéia: em 2005, o governo gastou 7 bilhões de reais com o Bolsa-Família, atendendo a 8 milhões de famílias pobres; e gastou 157 bilhões de reais em juros das dívidas externa e interna, agraciando os banqueiros, os credores e 20 mil clãs de famílias muito ricas. Para quem este governo trabalha de fato?

IHU On-Line - O senhor acredita na política brasileira e no sistema partidário?

Ivo Lesbaupin – Só se houver uma profunda reforma política neste país. E não se trata de uma reforma meramente partidária e eleitoral, como pretendem os partidos majoritários. No Fórum Social Brasileiro, realizado em Recife,

um conjunto de entidades e de movimentos sociais começou a discutir uma proposta de Reforma Política e esta discussão segue agora avançada, já tendo produzido um documento-síntese: ela inclui a adoção de mecanismos de democracia direta, com a regulamentação de plebiscitos e referendos, entre outros, de mecanismos de democracia participativa e de mecanismos de aperfeiçoamento da nossa democracia representativa. É preciso adotar o financiamento público das campanhas, se quisermos que nossos políticos deixem de estar a serviço dos grandes financiadores de suas campanhas (empresários e banqueiros). O sistema

atual não é democrático: o povo vota no candidato para que ele defenda seus interesses, mas ele defende os interesses dos empresários e dos banqueiros que contribuíram para sua campanha eleitoral, não os interesses de seus eleitores. E o candidato, para se eleger, faz as alianças mais espúrias possíveis, sem base em programa e, sim, em concessões, que inviabilizam qualquer política de desenvolvimento do país, qualquer política a serviço da maioria do povo: estas alianças tornam o governo dependente dos seus aliados, aqueles que, de fato, vencem as eleições, não o povo que elegeu o candidato.

Filme da Semana

O filme a seguir, em cartaz no Rio de Janeiro e São Paulo, foi visto e apreciado por um colega do Instituto Humanitas Unisinos (IHU).

Espelho mágico

Ficha Técnica

Nome original: Espelho Mágico

Cor filmagem: Colorida

Origem: Portugal

Ano produção: 2005

Gênero: Drama

Duração: 137 min

Classificação: livre

Direção: Manoel de Oliveira

Elenco: Leonor Silveira, Ricardo Trêpa, Michel Piccoli, Lima Duarte, Marisa Paredes, Luís Miguel Cintra

Sinopse:

Alfreda (Leonor Silveira) é uma mulher bela e rica. Casada e sem filhos, tem uma única obsessão: ver a Virgem Maria. Um jovem (Ricardo Trêpa) recém-saído da prisão vem trabalhar em sua casa e planeja forjar uma farsa para satisfazer ao sonho da patroa.

Virgem Maria, uma obsessão

Reproduzimos a seguir a resenha de Neusa Barbosa, publicada no sítio

www.cineweb.com.br em 05-09-2006.

Na rica mansão em que se desenrola a história, não há sinais ostensivos de modernidade. Não há computadores nem aparelhos de DVD à vista. Só os luxuosos carros na entrada, lá fora – um Jaguar, um Aston Martin – situam o século XXI.

Lá dentro, indagações metafísicas e religiosas perturbam a paz dos silenciosos corredores, delimitados por móveis sóbrios, que parecem ter pertencido a várias gerações. A dona da casa, a rica senhora Alfreda (Leonor Silveira), tem apenas uma única obsessão, mas nada simples: ver a Virgem Maria.

No pequeno círculo de que se compõe sua convivência, não falta quem alimente a obsessão de Alfreda. O marido, Bahia (Duarte de Almeida), com quem vive um casamento sem filhos e aparentemente sem sexo, não se opõe. Muito menos o padre Clodel (Lima Duarte, pela segunda vez num filme do diretor português) e o teólogo inglês professor Heschel (Michel Piccoli), que estimula na dona da casa a crença de que Maria e Jesus teriam pertencido à aristocracia de seu tempo.

Esse microcosmo aristocrático e como que suspenso no tempo – porque para os ricos, o tempo parece passar muito devagar, como se o possuísem – é invadido por um cínico contraponto a partir da chegada de Luciano (Ricardo Trêpa). Recém-saído da prisão – por envolvimento com tráfico de drogas –, o jovem é trazido por seu irmão (David Cardoso) para trabalhar a serviço de Alfreda. As conversas entre Luciano e Alfreda traduzem com eloquência exemplar – fruto da cristalina adaptação

de Manoel de Oliveira do livro *A Alma dos Ricos*, de Agustina Bessa-Luís, e da câmera segura de Renato Berta – o choque entre dois mundos sob o mesmo teto. De um lado, está a simplória e um tanto bruta lógica das ruas trazida por Luciano, que não vê como possa sustentar-se uma idéia tão descabida no espírito da bela patroa. Do outro, a firme persistência de Alfreda no seu sonho, um dos poucos que o seu dinheiro não pode comprar.

Outro ex-presidiário, Filipe Quinta (Luís Miguel Cintra), igualmente freqüenta a mansão, afinando o piano do dono, cujo hobby é dar aulas de música. É de Filipe a idéia, combinada com Luciano, de forjar a aparição da Virgem para Alfreda. Uma operação para a qual será indispensável a participação de uma jovem disposta à farsa (Leonor Baldaque).

Nessa interdependência entre classes sociais antagônicas o filme planta uma de suas várias chaves de discussão. Outra está igualmente na maneira como as mulheres se inserem na realidade, diferentemente dos homens. Uma fala de Alfreda a Luciano coloca esta diferença com um romantismo que a muitos parecerá arcaico: “As mulheres acham sempre que algo maravilhoso vai lhes acontecer e que as promessas serão cumpridas. Homens como você só acreditam no que vocês mesmos inventam”.

Um filme de Manoel de Oliveira é sempre isso – um banho de conteúdo, um mergulho na história, um recorte de culturas, uma sinfonia de atuações (e não é por acaso que seus elencos se repetem com tanta freqüência). Por trás

de tudo, há igualmente um diálogo intenso sobre o tempo – afinal, o cineasta atingiu já seus 97 anos, bagagem não lhe falta. O tempo do filme mesmo corre por trilhos bem

diferentes do que costuma o cinema moderno. Oliveira é um cidadão de outra época que nos dá o privilégio de compartilhar a sua densa história pessoal conosco.

A fé como tema central

Manoel de Oliveira, o cineasta mais velho do mundo em atividade, no jornal *Folha de S. Paulo*, 25-10-2005, fala do filme dizendo que a “fé é o tema de *Espelho Mágico* (2005)”. Ele afirma:

“A fé continua tendo um papel fundamental, é o alimento da vida. Não existe criação sem um criador. Nós acreditamos no que está criado; alguns põem em dúvida o criador. Mas a prova de sua existência é a própria criatura. O problema todo é acreditar apenas no que está comprovado. A grande força da fé está no contrário, no crer sem provas.

Espelho Mágico é a história de Alfreda, dama rica cujo maior sonho é a ser agraciada com a aparição da Virgem Maria. Sua contradição é acreditar piamente na existência da Virgem Maria, mas querer a todo custo encontrá-la para fazer algumas perguntas, encontrar alguma explicação. Que explicação? Não sabemos.”

Teologia Pública

Jesus e Maria Madalena

Entrevista com Bernard Sesboüé

O discutido romance *O Código da Vinci* Rio de Janeiro: Sextante, 2004, de Dan Brown, que também chegou ao cinema, suscitou muitos comentários. Entre os comentários bíblico-teológicos se destaca o livrinho de Bernard Sesboüé, jesuíta, um dos mais renomados teólogos franceses, já membro da Comissão teológica internacional. Seu livro-entrevista *Il Codice da Vinci spiegato ai suoi lettori (O Código da Vinci explicado aos seus leitores)*, Brescia: Queriniana 2006, propõe voltar ao essencial, ou seja, à Bíblia, e restabelece algumas verdades sobre o cristianismo. A entrevista que segue foi publicada no boletim eletrônico *Teologia@Internet*, da página www.queriniana.it.

Sobre o filme *O Código da Vinci*, confira a entrevista especial realizada pela **IHU On-Line** com o jesuíta Jesús Hortal, reitor da PUC-Rio, intitulada *A polêmica de O Código da Vinci* e originalmente publicada no site do IHU, www.unisinos.br/ihu, editoria *Notícias Diárias*, em 20-05-2006. O material também foi publicado pela

Vamos imediatamente ao coração do problema. O que houve entre Jesus e Maria Madalena?

Absolutamente nada. Não impostemos o problema de maneira anacrônica. Maria Madalena é o nome de um personagem composto que atravessou a história e a cultura religiosa ocidental durante dois mil anos. Quando se considera mais de perto o texto dos evangelhos, a gente se dá conta que este personagem é o resultado de uma amálgama entre três mulheres efetivamente mencionadas pelos redatores daqueles textos. Então, a sua pergunta se refere a qual destas três mulheres?

Dan Brown não se deu o trabalho de ir aos evangelhos. Situou o seu romance sobre o personagem apresentado no decurso do tempo sob vultos muito diferentes. Cada época, com efeito, se ‘projetou’ sobre Maria Madalena em função do próprio ideal e das próprias expectativas. Por exemplo, o fato de ser uma mulher era antes uma objeção para os autores do século 19, enquanto nos séculos 20 e 21 se tornou uma grande qualificação. Esta Maria Madalena pertence a uma lenda piedosa e edificante: jamais existiu. Seu sucesso derivou da associação entre a grande pecadora e uma amiga muito próxima de Jesus: tanto mais santa quanto mais fora pecadora.

Houve três Maria Madalena?

Exato. Há, em primeiro lugar, Maria a Magdalena, originária de Magdala, aldeia situada às margens do lago de Tiberíades; há Maria de Betânia, irmã de Marta e de Lázaro, grupo familiar que vivia nessa vila situada nos arredores de Jerusalém; há, enfim, uma mulher que não é chamada pelo nome, mas que é apresentada como ‘pecadora’

na cena da refeição de Jesus em casa de Simão o fariseu¹⁴.

Maria de Magdala é mencionada três vezes nos evangelhos. Uma primeira vez (Lc 8, 1-3) nos é dito que ela fazia parte do grupo de mulheres que seguiam Jesus e o serviam, isto é, supriam as necessidades de seu grupo e assistiam financeiramente no curso de sua missão. Estas mulheres tinham sido curadas de maus espíritos e de enfermidades. É assim que Jesus havia libertado Maria de Magdala “de sete demônios”.

Isto, em todo o caso, não quer dizer que ela fosse uma pecadora. No espírito daquele tempo o tema da expulsão dos demônios estava ligado à cura das doenças, como se vê com frequência nos evangelhos. Em seguida, encontramos Maria de Magdala junto com Maria, mãe de Jesus e com uma outra Maria, dita de Cléofas, aos pés da cruz (Jo 19,25, Mt 27, 55 s.), onde, sem dúvida, havia ainda outras mulheres.

Muitas mulheres trazem o nome de Maria, então extremamente difundido, o que não facilita a identificação. Encontramo-la de novo, sempre entre um grupo de mulheres, no túmulo de Cristo na manhã da ressurreição, vindas para completar o embalsamamento de Jesus com aromas, e estas mulheres descobrem a tumba vazia (Mt 28,1; Mc 16, 1s.; Lc 24,1).

Nestas três menções de seu nome, Maria de Magdala não tem uma personalidade própria: pertence ao grupo. O fato de seu nome vir precisado mostra somente que ela era uma figura importante do grupo e particularmente fiel a Jesus.

¹⁴ Cfr. Marcos 14, 1-9 (Nota da *IHU On-Line*)

No que diz respeito à ressurreição, as coisas são narradas de maneira diversa no Evangelho de João. O quarto evangelista consagra a Maria de Magdala a primeira narrativa da aparição de Jesus (Jo 20, 11-18). Ela está chorando perto do túmulo. Inclinando-se, vê dois anjos que lhe perguntam por que chora. Responde-lhes que levaram embora o corpo de seu Senhor.

Voltando-se, vê então Jesus, mas não o reconhece, confundindo-o com o jardineiro. À pergunta de Jesus sobre suas lágrimas, ela dá a mesma resposta desolada. É então que Jesus a chama pelo nome “Marial”, e ela lhe dá, em retorno, o título de “Rabbuni”, diminutivo de rabbi, que quer dizer ‘mestre’, com um matiz de ternura.

Maria reconhece, então Jesus, o qual detém o impulso dela em direção a ele, dizendo-lhe que não o detenha, por que está voltando ao seu Pai e não é mais do nosso mundo: agora pertence à esfera da vida divina. A cena termina com o envio de Maria em missão, para que comunique aos discípulos a notícia da ressurreição: ela será, assim, a primeira testemunha e a primeira apóstola de Jesus ressuscitado. Esta cena supõe uma relação afetiva pessoal entre Jesus e Maria. É muito, mas não é tudo. Como veremos agora, também as outras duas mulheres atestam um grande afeto para com Jesus.

E a segunda Maria?

A segunda Maria é Maria de Betânia, irmão de Marta e de Lázaro. Também ela está presente nos três episódios. No primeiro, narrado por Lucas (Lc 10, 38-42), Jesus é escutado em sua casa: Marta atende o serviço de preparo da refeição, enquanto Maria escuta simplesmente a palavra de Jesus. Marta protesta pedindo a Jesus que mande a irmã ajudá-la. Jesus responde que Maria é a que escolheu a melhor parte, porque escutou a palavra de Deus. Esta cena escandaliza espontaneamente as mães

de família que preparam a refeição na cozinha, enquanto os convidados, o marido e os filhos tomam aperitivos, conversando alegremente na sala ao lado. Jesus não critica Marta: certamente não lhe teria dito nada, se ela não se tivesse lamentado com ele da irmã.

Responde-lhe simplesmente que se envolve com muitas tarefas, enquanto uma coisa, sem dúvida um só prato, seria certamente suficiente. Maria foi em busca do essencial. Toda a cena geria em torno desta palavra de Jesus sobre “a melhor parte”. A tradição cristã viu nas duas irmãs o símbolo da vida contemplativa, vale dizer, a vida consagrada principalmente à oração, como aquela dos monges e das monjas, e o símbolo da vida ativa.

A segunda cena se encontra no Evangelho de João (11,1-44): Lázaro, o amigo de Jesus, morreu há pouco. É Marta, mais impetuosa, que corre ao encontro de Jesus para dizer-lhe: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido”. Jesus a convida a crer na ressurreição. Marta exprime, então, sua fé na ressurreição no último dia. Jesus lhe responde com a célebre proclamação: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, também se morrer, viverá”. Maria, chamada por Marta, chega chorando a Jesus e lhe declara a mesma coisa que a irmã. À vista de tanto sofrimento, Jesus freme de emoção e se mostra perturbado, devido ao seu afeto por Lázaro. Marta é mais ativa e empreendedora, Maria mais sensível. Mas Jesus não faz diferença entre as duas irmãs. Ele realiza, então, o milagre de restituir a vida a Lázaro.

A terceira cena é a da refeição que Jesus vem consumir em Betânia, em casa dos seus três amigos, nos dias antes da Páscoa. Marta está sempre ocupada em servir. Maria se levanta para ungir os pés de Jesus com perfume de grande valor, enxugando-os com os seus

cabelos (Jo 12,1-11), gesto que encontraremos em breve na pecadora de que fala São Lucas. Mateus ((26,6-13) e Marcos (14,3-9) situam a mesma cena em casa de Simão o leproso e não mencionam pelo nome a mulher que cumpre a unção. João parece conhecer os fatos mais de perto.

E há ainda uma outra Maria?

A terceira mulher em causa não tem nome: por Lucas (7,36-50) é chamada simplesmente de “uma pecadora”, o que significa uma pecadora ‘pública’, uma prostituta. Jesus é convidado a uma refeição em casa de Simão o fariseu, que o recebe antes friamente, sem cumprir os habituais gestos de cortesia. Durante a ceia entra aquela mulher e, chorando, inunda os pés de Jesus com as próprias lágrimas, enxuga-os com os seus cabelos, cobre-os de beijos e unge-os com o perfume que trouxe. Simão fica chocado ao ver que Jesus se deixa tocar por esta mulher impura, e o Nazareno lhe narra uma breve parábola para fazer-lhe entender que, se ele pode ser menos pecador que ela, não cumpriu, no entanto, nenhum gesto de afeto para com ele. A mulher, ao contrário, manifestou muito amor e por isso os seus numerosos pecados lhe são perdoados.

Quando Jesus diz à mulher “São-te perdoados os teus pecados”, os presentes ficam ainda mais escandalizados, porque os pecados os ode perdoar somente Deus. O amor que esta mulher expressou é um amor de arrependimento, um amor espiritual; e é ainda um amor que se expressa com gestos muito carnavais: beijar os pés, ungi-los com perfume e servir-se dos próprios cabelos para enxugá-los.

Jesus amou, então, três mulheres?

Tudo depende do sentido que se dá à palavra ‘amar’. No sentido de um afeto profundo, ele certamente amou ainda outras. Estas relações femininas de Jesus nos dizem simplesmente que ele

tinha um coração de homem, capaz de estreitar relações afetivas privilegiadas, com homens e com mulheres: ele amou o jovem rico que o interrogava para saber o que devia fazer de bom para obter a vida eterna (Mc 10,19); amava Lázaro, seu amigo, e chorou diante de seu túmulo, amava de modo mais particular o apóstolo João. Amava sua mãe, amava as duas Marias, a de Magdala e a de Betânia, amou a pecadora. Isto não quer dizer que tenha tido relações sexuais com estas mulheres. Pensá-lo é uma invenção de todo gratuita.

O importante é ver claramente como três mulheres diversas tenham expressado, com um ardor totalmente feminino, o seu afeto por Jesus. Nada indica que Jesus tenha tido relações amorosas com uma ou com a outra. É preciso ser sensível ao clima dos contos evangélicos que nos colocam numa ordem de relações de todo diversa. Acusa-se frequentemente o cristianismo de desprezar o humano, de não honrar a feminilidade. Os evangelhos mostram o contrário: Jesus é humano, sensível, afetoso. Por que as suas condutas deveriam, de repente, suscitar suspeitas?

A coisa, na realidade, mais difícil de aceitar é a virgindade de Jesus. A sexualidade tornou-se objeto de tal obsessão que o testemunho de uma castidade perfeita parece coisa inaceitável. Ora, Jesus não hesitou em tomar sobre si o insulto de ‘eunuco’, que lhe terá sido dado sem nenhum escrúpulo. Mas ele precisa que se distingam três tipos de eunucos: aqueles que nasceram tais, aqueles que se mutilaram, e aqueles que fizeram tal escolha “por causa dos reinos dos céus”.

E conclui a reflexão com esta palavra: “Quem puder compreender, compreenda!” (Mt 19,12), o que faz pensar que também em seu tempo a coisa não fosse fácil de aceitar. Jesus consagrou todas as forças do seu ser ao

anúncio do evangelho e do reino: é sua missão que dá sentido ao seu celibato. Como observou com fineza uma senhora, a virgindade de Jesus é um mistério. Porque a encarnação eliminou apenas este setor da experiência humana, tão central? Porque em sua vida não encontramos a mais remota alusão que indique ter ele participado da experiência física da sexualidade? Por que a tradição exclui com extremo rigor qualquer suspeita desta ordem?

Nós todos, em todo o caso, conhecemos não apenas celibatários que conduzem uma vida autenticamente humana, mas também homens e mulheres que não se casam porque querem consagrar a própria vida a um ideal de serviço dos outros, que os mantêm totalmente ocupados. A castidade do celibato não é monopólio da vida dos religiosos, das religiosas e dos sacerdotes. É, em tudo isto não há nada que deva desvalorizar o matrimônio.

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias* apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. A elaboração das notícias diárias é feita em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, com sede em Curitiba, PR. Abaixo uma síntese da semana. Acesse a página do IHU e confira as notícias na íntegra.

Lula x Alckmin: prognóstico

Sobre Lula e as eleições de 2006, a editoria *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 5-10-2006 publicou um artigo de Paul Singer.

"A burguesia forçou o 2º turno; agora, o povo precisa se unificar em torno de Lula"

As *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 6-10-2006 publicou uma entrevista com João Pedro Stédile. No mesmo dia, publicamos uma entrevista com o sociólogo Michel Löwy.

PMDB é o maior partido na Câmara. PT é o mais votado

O PMDB passou a ser o maior partido da Câmara dos Deputados com 89 parlamentares. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 4-10-2006.

Eleição brasileira traz ansiedade aos vizinhos americanos

A editoria *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 4-10-2006 publicou um artigo do jornalista William Waack.

O que está em jogo na reeleição presidencial

A editoria *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 4-10-2006 publicou um artigo de Leonardo Boff.

Carta aberta aos eleitores cristãos

A editoria *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 5-10-2006 publicou um artigo de Frei Betto.

Medida do eco do Big Bang dá Nobel a dupla dos EUA

Dois cientistas norte-americanos ganharam o Prêmio Nobel de Física por algo aparentemente trivial: eles fizeram a foto de um bebê. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 4-10-2006.

Feminilidade mediada pelo computador

Uma tese de doutorado pioneira no Brasil e na América Latina foi defendida nesta semana, na Unisinos. No último dia 2 de outubro, Adriana Braga defendeu sua tese de doutorado em Comunicação, intitulada "Feminilidade mediada por computador". Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 5-10-2006.

Catadores mobilizam-se contra projeto que tira carroças das ruas de Porto Alegre

Projeto de lei do vereador Sebastião Melo, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), pretende proibir o fluxo de carroças na cidade de Porto Alegre num prazo de oito anos. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 5-10-2006.

Especialista americano diz que o carbono vai se tornar uma das maiores commodities do mundo, como o petróleo

Há 30 anos, o ambientalista americano Michael Jenkins começou a lutar pela conservação da natureza. Nos últimos oito anos, calcula quantos dólares a floresta, a água e o ar custam, na ONG Forest Trends e no Grupo Katoomba, que promove uma reunião no Brasil nesta semana. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 5-10-2006. No mesmo dia saiu uma notícia que até meados deste século, a Terra pode entrar em uma crise ambiental devido ao aumento das temperaturas médias, que estão crescendo 0,2º C por década.

Cientistas realizam teletransporte

Físicos dinamarqueses conseguiram teletransportar informação entre luz e matéria por uma distância de meio metro. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 5-10-2006.

Cresce número de mulheres que bancam as despesas da família

O número de mulheres que sustentam o domicílio, responsáveis por, pelo menos, 70% das despesas do lar, está em crescimento no País. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 5-10-2006.

Aumenta tensão popular em Oaxaca

A situação do respeito aos direitos humanos em Oaxaca só piora. A **Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO)** indicou que o governo estatal, o Centro de Pesquisa e Segurança Nacional (Cisen) e a Secretaria de Governo são responsáveis pelas ações repressoras e têm o propósito de justificar a militarização e a chacina do povo. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 6-10-2006. Sobre o conflito confira também as *Notícias Diárias* de sábado, 07-10-2006.

A juventude precarizada

Loquaz, eufórica, aguda e de bom humor, Rossana Reguillo, antropóloga mexicana, concedeu entrevista ao jornal argentino Clarín. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 6-10-2006.

Água está pedindo muita urgência

A editoria *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 6-10-2006 publicou um artigo com Washington Novaes.

Para Calderón, muro causará muitas mortes

O presidente eleito do México, Felipe Calderón, criticou o plano dos EUA de construir um muro de 1.200 km na fronteira entre os dois países, afirmando que ele causará mais mortes de imigrantes ilegais. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 5-10-2006 e 6-10-2006.

Revolta entre mineiros da Bolívia

Uma violenta revolta entre mineiros sindicalizados e cooperativados deixou um saldo de ao menos 16 mortos, custou o posto ao ministro dos Minérios e rompeu a aliança que havia entre a Federação Nacional de Cooperativas Mineiras – Fencomin – e o MAS, de Evo Morales. Confira nas *Notícias Diárias* de 07-10-2006.

Mercosul aceita acordo Uruguai-EUA, desde que não inclua setores sensíveis

O Mercosul está preparado para uma flexibilização que beneficie um acordo comercial entre o Uruguai e os Estados Unidos, desde que este acordo não avance sobre setores sensíveis, como bens industriais, serviços, propriedade intelectual e compras governamentais, e não desrespeite a política comercial conjunta adotada pelo bloco, baseada na Tarifa Externa Comum (TEC). Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 6-10-2006.

Frases da Semana

Ética x pragmatismo

“Foi a eleição do pragmatismo puro e sem princípios. Os prefeitos foram os principais cabos eleitorais e só falavam em emendas parlamentares e em Orçamento da União, não houve debate de idéias” - Paulo Delgado, deputado federal - PT-MG - que não se reelegeu - *O Globo*, 3-10-2006.

“Nós (o PT) não teremos uma bancada de deputados, e sim de vereadores federais. O povo puniu o PT, com algumas exceções. Não tem nenhum petista no Sul e no Sudeste que esteja entre os dez primeiros. Em Minas, o primeiro é o 19 geral. Mas, tudo bem: é uma onda de degradação na política que vai passar” - Paulo Delgado, deputado federal - PT-MG - que não se reelegeu - *O Globo*, 3-10-2006.

“Agora sai a ética e entra o pragmatismo. Ética é coisa de primeiro turno. Agora, qualquer adesão é bem-vinda” – Zuenir Ventura, jornalista – *O Globo*, 7-10-2006.

Civilização mata

“Apesar do domínio do império americano hoje, ainda vivemos numa civilização ocidental de origem mediterrânea. Mas essa civilização está depravada, perdeu ética e força, está contaminada por corrupção, guerras, poluição. É um movimento em direção à morte que ninguém pára. Hoje não se colocam nos maços aquele dizer ”o cigarro

mata”? Podemos dizer o mesmo de nosso mundo hoje: a civilização mata” – Manoel de Oliveira, 97 anos, diretor do filme *Espelho Mágico*, em cartaz no Brasil – *Folha de S. Paulo*, 25-10-2005.

O PT gaúcho

“O PT gaúcho continuou uma tradição paradoxal do estado, a de movimentos populares – como o PTB de antigamente e o brizolismo – que se criaram e ganharam força onde nenhuma lógica os explicava, numa economia agropastoril e numa cultura conservadora. Talvez porque fizesse parte da mesma tradição outro paradoxo, a de caudilhos revolucionários, ou, pelo menos, agitadores” – Luis Fernando Verissimo, escritor – *O Globo*, 5-10-2006.

“O PT do Rio Grande do Sul tem sido uma reserva de talentos, nem sempre bem aproveitada, cuja principal credencial é estar longe do berço paulista” – Luis Fernando Verissimo, escritor – *O Globo*, 5-10-2006.

Bolsa Família e Prestes

“É uma simplificação idiota falar que o Nordeste, que elegeu o primeiro congressista comunista depois de Luiz Carlos Prestes, vota no Lula por causa do Bolsa-Família” – Ciro Gomes, ex-ministro do governo Lula – *O Globo*, 6-10-2006.

Luta em estado puro

“A pretexto de apurar responsabilidades no caso do dossiê Serra, fazem luta interna em estado puro” – José Dirceu, ex-deputado federal – PT-SP – *Jornal do Brasil*, 6-10-2006.

América Latina desigual

A América Latina é a região com mais desigualdades do mundo. Isso pode ter um efeito direto na estabilidade política” – Guillermo de la Dehesa, presidente do Centre for Economic Policy Research de Londres – *El País*, 8-10-2006.

“O crescimento econômico da América Latina é notável e sustentado, mas inferior ao da Ásia. Mas esse crescimento não contribuir para diminuir as fortíssimas desigualdades da região” – Miguel Sebaó Astián, diretor da Oficina Econômica do presidente do Governo espanhol – *El País*, 8-10-2000.

Destaques On-Line

Entrevistas exclusivas produzidas pelo sítio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Aqui, apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas, na íntegra, nas *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente. Além da entrevista publicada no *Brasil em foco* e das outras duas publicadas na editoria *Entrevistas da Semana*, as *Notícias Diárias* publicaram as seguintes entrevistas do dia.

Título: O PSDB é um partido em decadência.

Entrevistado: Chico de Oliveira

Entrevista: O sociólogo Chico de Oliveira é professor titular da Universidade de São Paulo e concedeu entrevista para a *IHU On-Line* onde falou do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras, PT, PSDB, Aécio Neves, José Serra, intelectuais e governo Luís Inácio Lula da Silva. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU, www.unisinos.br/ihu no dia 3-10-2006.

Título: O governo Lula nos principais jornais brasileiros

Entrevistada: Alessandra Aldé

Entrevista: A cientista política e pesquisadora do Laboratório de Pesquisas em Comunicação Política e Opinião Pública Alessandra Aldé, concedeu entrevista exclusiva à *IHU On-Line* onde falou de como a imprensa está tratando o governo e o candidato Luís Inácio Lula da Silva nos principais jornais brasileiros. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU, www.unisinos.br/ihu, no dia 4-10-2006.

Título: O Aquífero Guarani: a maior reserva de água potável da América Latina

Entrevistado: Jorge Luiz Rabelo

Entrevista: O Aquífero Guarani foi pano de fundo para uma entrevista com o Professor Assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), **Jorge Luiz Rabelo**. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU, www.unisinos.br/ihu, no dia 5-10-2006.

IHU em revista

Eventos pg. 47

Errata pg. 56

IHU Repórter pg. 57

Eventos

As concepções grega e moderna sobre o vácuo

II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia

Analisar *As concepções grega e moderna sobre o vácuo*. Esse é o tema da palestra que o Prof. Dr. Roberto de Andrade Martins, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), profere nesta quarta-feira, 11-10-2006, em continuidade à programação do evento **II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia**. A atividade acontece na Sala 1G119 do IHU das 17h30min às 19h. Por e-mail, ele afirmou com exclusividade à *IHU On-Line* que não existe uma postura unânime a respeito do vácuo na ciência recente. E que, durante o evento, ele pretende “colocar o dedo na ferida, indicando que os cientistas recentes se esqueceram de pensar sobre o que estão falando e por isso, em diversos momentos históricos, acreditaram que podiam estabelecer aquilo que a ciência não pode atingir”.

Graduado em Física pela Universidade de São Paulo (USP), Martins é doutor em Lógica e Filosofia da Ciência pela Unicamp com a tese *Sobre o papel dos desiderata na ciência* e pós-doutor pela Universidade de Cambridge, Inglaterra. É autor de *Commentariolus - Pequeno Comentário de Nicolau Copérnico Sobre Suas Próprias Hipóteses Acerca dos Movimentos Celestes*. São Paulo: Nova Stella, 1990 e *O Universo: Teorias Sobre Sua Origem e Evolução*. São Paulo: Moderna, 1994 e um dos organizadores de *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul: 3º Encontro*. Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2004.

Idéias antigas e recentes a respeito do vácuo

Entrevista com Roberto de Andrade Martins

IHU On-Line - Em que consistem as concepções grega e moderna sobre o vácuo?

Roberto de Andrade Martins – Entre os antigos gregos, é necessário distinguir entre os que aceitavam o vácuo (e que eram uma minoria) e os que negavam a sua possibilidade (a maioria). Para os atomistas, que defendiam sua existência, o vácuo seria um lugar (ou espaço) sem nenhum corpo. Para os críticos do atomismo, o vácuo seria o nada absoluto, o não-ser, que pelo seu próprio conceito não pode existir. Parmênides¹⁵ e os demais eleatas, bem como Platão e Aristóteles (apenas para mencionar alguns nomes) negaram a possibilidade do vácuo porque lhes parecia que esse conceito levava a contradições. Durante a Idade Média, predominou a idéia de que seria impossível um vácuo e que provavelmente nem Deus seria capaz de produzir um espaço vazio. No entanto, no início da Idade Moderna, o estudo e debate sobre o antigo atomismo levou a novas posturas, menos críticas. Em meados do século XVII, ficou claro que era possível produzir, artificialmente, espaços em que parecia não haver nenhuma matéria, como nos experimentos de Evangelista Torricelli¹⁶. René Descartes¹⁷ admitiu a

validade dos experimentos, mas interpretou-os supondo que o espaço aparentemente vazio estava repleto de uma matéria invisível e sutil, capaz de passar pelos poros da matéria grosseira. Blaise Pascal¹⁸, pelo contrário, defendeu que aquele espaço era realmente um vácuo, no sentido de um espaço absolutamente vazio. Houve na época um forte debate filosófico, no qual (em minha opinião) os argumentos contra o vácuo absoluto eram os mais fortes. No entanto, as pessoas que tinham mais interesse no estudo empírico da natureza do que na filosofia acabaram deixando de lado essas discussões e foram se acostumando com a idéia do vácuo.

Pode-se dizer que, no século XVII, a visão predominante era a de que existe vácuo nos poros da matéria sensível e também no espaço celeste. A física de Isaac Newton¹⁹ contribuiu para isso,

¹⁵ **Parmênides de Eléia** (530 a. C. – 460 a. C.): filósofo pré-socrático, fundador da escola eleática. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ **Evangelista Torricelli** (1608-1647): físico e matemático italiano. A descoberta do princípio do barômetro que perpetuou a sua fama ("tubo de Torricelli", "vácuo de Torricelli") aconteceu em 1643. O torricelli (símbolo *torr*), uma unidade de pressão, recebeu o seu nome. Também é famoso pela descoberta de um sólido infinitamente longo que hoje é chamado *cornu de Gabriel*, cuja área superficial é infinita, mas cujo volume é finito. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁷ **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: *O coração tem razões que a própria razão desconhece*, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁹ **Isaac Newton** (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação,

porque ele próprio mostrou que a existência de qualquer matéria invisível no espaço celeste deveria perturbar o movimento dos planetas, e essa perturbação não era observada. Porém, ocorreram depois novas oscilações da opinião científica. No início do século XIX, a luz passou a ser considerada como uma onda, e essa teoria trouxe consigo a aceitação de um *éter luminífero* – uma substância invisível que preencheria todo o espaço e cujas oscilações constituiriam a luz. A teoria eletromagnética de James Clerk Maxwell²⁰ também admitia a existência de um éter, que seria o agente responsável pelas forças entre cargas elétricas. Assim, não haveria espaços vazios no sentido absoluto – apenas espaços sem matéria comum. Em certo sentido, era uma opinião semelhante à de Descartes.

No início do século XX, a opinião geral muda novamente, principalmente por influência do empirismo da teoria da relatividade especial de Albert Einstein²¹, que negava a validade de se utilizar na ciência um conceito de algo não-observável, como o éter. O universo

descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ **James Clerk Maxwell** (1831-1879): físico britânico que demonstrou que as forças elétricas e magnéticas são dois aspectos diferentes do mesmo fenômeno, o eletromagnetismo. Maxwell mostrou que os campos magnético e elétrico atravessam o espaço, sob a forma de ondas, à velocidade da luz. Defendeu que a luz é uma forma de radiação eletromagnética. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ **Albert Einstein** (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas idéias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX.: Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista *IHU On-Line*, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis..* (Nota da *IHU On-Line*)

se tornou novamente vazio, um imenso espaço do qual os átomos (e outras partículas) ocupam apenas pequenas porções. Essa foi a visão predominante, no século XX. No entanto, o próprio Einstein, em 1920, passou a defender a existência de um éter e a negar a existência de um espaço absolutamente vazio. Outros físicos importantes, como Paul Dirac²², também retornaram a um éter. Mais recentemente, vários físicos têm proposto teorias em que não existe um espaço totalmente vazio. Não existe, portanto, uma postura unânime a respeito desse assunto, na ciência recente.

IHU On-Line - Conforme a concepção de *Physis* de Demócrito²³, a natureza é constituída por átomos e vácuo. Em que aspectos essa teoria ainda possui atualidade? Quais são suas principais limitações?

Roberto de Andrade Martins – A idéia de átomos (ou de partículas elementares, durante o século XX) teve enorme influência na ciência recente, mas tem problemas graves. A idéia de um ente físico sem partes, que não pode ser decomposto, pode ser aplicada à matéria que conhecemos desde que utilizemos instrumentos pouco poderosos para romper a matéria. À medida que se utilizam energias progressivamente mais altas, são encontrados progressivamente novos níveis e estruturas naquilo que antes parecia não ter partes. Não há nenhum motivo para se acreditar que se possa chegar, algum dia, a partículas

²² **Paul Dirac** (1902–1984): engenheiro e matemático britânico. Desenvolveu a chamada Equação de Dirac, que descreve o comportamento relativístico do elétron. Essa teoria levou Dirac a prever a existência do pósitron, a antipartícula do elétron, que foi observado experimentalmente em 1932 por Carl Anderson. (Nota *IHU On-Line*)

²³ **Demócrito** (460 a.C. – 370 a.C.): foi discípulo e depois sucessor de Leucipo de Mileto. A fama de Demócrito decorre do fato de ele ter sido o maior expoente da teoria atômica ou do atomismo. De acordo com essa teoria, tudo o que existe é composto por elementos indivisíveis chamados átomos. (Nota *IHU On-Line*)

absolutamente sem partes, que não possam ser decompostas. No entanto, em muitos campos científicos, é *útil* tratar os átomos químicos ou as partículas “elementares” como se não tivessem estrutura.

Quanto ao vácuo, a situação é semelhante. Para estudarmos o movimento de um planeta em torno do Sol, supomos que o espaço em que ele se move é vazio. Mas para estudarmos o próprio campo gravitacional que dirige o movimento do planeta, ou para compreender a estrutura do universo, parece que não é possível fazer essa suposição. Como geralmente os cientistas não estão muito preocupados com os princípios últimos das coisas, e sim com o funcionamento de campos restritos de experiência, eles costumam utilizar os conceitos de átomo (ou partícula elementar) e de vácuo quando isso é conveniente, abandonando os mesmos conceitos em outros domínios.

IHU On-Line - Como essas concepções grega e moderna auxiliaram, em seu tempo, para um entendimento mais ampliado do Universo e da vida que nele surgiu?

Roberto de Andrade Martins – Sob muitos aspectos, as concepções dos atomistas gregos eram semelhantes a algumas idéias científicas modernas, e por isso os cientistas têm uma tendência a valorizar muito aqueles pensadores. O universo dos atomistas antigos era ilimitado e infinito, eterno, dinâmico, movido pela necessidade (e não por objetivos e finalidades), mas permitindo o surgimento e destruição de infinitas possibilidades na natureza. A própria Terra não podia ser eterna, portanto ela deveria ter se formado em algum movimento, pela reunião de átomos; os próprios seres vivos não podiam ser eternos, portanto também deviam ter uma origem e sofrer transformações, sendo meras combinações temporárias de átomos. Embora a matéria seja eterna (ou seja, os átomos existem sempre), suas formas

são temporárias e mutáveis. Pode-se considerar que a busca da origem de cada coisa (inclusive da própria vida) é uma contribuição importante dos atomistas. Também se pode considerar que a tentativa de explicar todos os fenômenos naturais de forma puramente mecânica (pelos movimentos, junções e separações dos átomos) foi extremamente importante e influente.

No entanto, não devemos avaliar o pensamento antigo por sua semelhança com o pensamento moderno, nem por sua aceitação ou rejeição posterior, e sim em sua própria época. Sob o ponto de vista do estudo do universo e da própria vida, não foram os atomistas que lideraram as pesquisas na Antigüidade. Os mais conhecidos astrônomos antigos não eram atomistas; e o mais influente naturalista da Antigüidade foi Aristóteles, que negava o atomismo. Se apagarmos mentalmente da história os estudos aristotélicos sobre os animais, ou a teoria de Hiparco²⁴ e Ptolomeu²⁵ sobre o movimento dos planetas, teremos uma enorme perda “científica” (para usar um anacronismo); se apagarmos mentalmente da história os atomistas, teremos uma enorme perda filosófica, mas não sob o ponto de vista de conhecimentos a respeito da estrutura do universo e sobre os seres vivos.

IHU On-Line - De que forma é possível pensar a liberdade e o acaso, pressupondo a existência do vácuo?

²⁴ **Hiparco** (194 a.C. - 120 a.C.): astrônomo, construtor, cartógrafo e matemático. Ele usou e introduziu na Grécia a divisão da circunferência em 360°, dos babilônicos, ao invés da divisão grega em 60 graus. Estudou também as funções trigonométricas, sendo por alguns considerado o criador da Trigonometria. Dividindo o diâmetro do círculo em 120 partes, ele determinou, pelo cálculo, e não somente por aproximações, o valor das cordas com relação às diversas partes do diâmetro. (Nota *IHU On-Line*)

²⁵ **Ptolomeu** (100-178): polímata grego reconhecido pelos seus trabalhos em astrologia, astronomia e cartografia. (Nota *IHU On-Line*)

Roberto de Andrade Martins – Como vemos no *De rerum natura* de Lucretius²⁶, os atomistas queriam libertar a humanidade do temor com relação aos deuses e àquilo que poderia existir depois da morte. A teoria atomística (não a mera aceitação do vácuo) negava a existência de seres imateriais, negava a existência de um criador do universo, negava um mundo ocupado pelos espíritos dos mortos, eliminava todo sentido da religião tradicional grega. Ela procurava dar uma liberdade moral aos seres humanos. O homem deve criar seus próprios valores, eles não vêm dos deuses. Por sua vez, o atomismo enfatizava que os fenômenos naturais seguem uma necessidade inexorável, que os movimentos dos átomos produzem tudo o que existe, o que gerava a dúvida: pode existir alguma ação livre, ou tudo o que fazemos é automático? Se tudo é necessário, não há escolhas, portanto não há liberdade. Lucretius procurou abrir um caminho para a liberdade, introduzindo o conceito de *clinamen* dos átomos, um desvio espontâneo e imprevisível, que os leva a não seguirem estritamente linhas retas em sua queda. Em certo sentido, logo, há um acaso no movimento dos átomos, e essa quebra do determinismo poderia abrir caminho para a concepção de liberdade de escolha humana. Há dúvidas, no entanto (de que partilho), de que essa pudesse ser uma boa solução para o problema.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Roberto de Andrade Martins – Sim. Em minha opinião, não são as crenças ou doutrinas que têm importância, e

sim a discussão das mesmas. Aceitar de forma acrítica uma idéia (qualquer que ela seja) é uma postura pobre, do ponto de vista intelectual. Por isso, a atitude mais comum entre os cientistas, que é exatamente a de acreditar (sem questionar) naquilo que lhes ensinaram, é algo que me incomoda muito. A comparação entre a ciência recente e o pensamento antigo pode ajudar a romper essa inércia intelectual, se as pessoas perceberem que há problemas que não foram resolvidos, que há também problemas que jamais poderão ser resolvidos pela ciência, que há limites que não podem ser ultrapassados pela observação e pela experimentação e que por trás de tudo há problemas filosóficos importantes.

Escolhi para tema de minha palestra a comparação entre idéias antigas e recentes a respeito do vácuo, não para mostrar simplesmente que há semelhanças e diferenças, mas para colocar o dedo na ferida, indicando que os cientistas recentes se esqueceram de pensar sobre o que estão falando e por isso, em diversos momentos históricos, acreditaram que podiam estabelecer aquilo que a ciência não pode atingir. Mais claramente: jamais será possível estabelecer cientificamente que existe um espaço absolutamente vazio (sem éter ou algo equivalente); e a própria idéia de um espaço absolutamente vazio levanta problemas filosóficos que jamais foram solucionados. Os cientistas precisam conhecer um pouco mais de filosofia, para não fazerem afirmações falsas – como a de que “já foi provado que o vácuo existe” – e para evitarem outras ingenuidades semelhantes.

²⁶ **Lucretius**: poeta e filósofo latino que viveu no século I a.C. Sua fama decorre do poema *De rerum natura* (Da natureza), onde expõe a filosofia de Epicuro de Samos. Para Lucrécio, o epicurismo era a chave que poderia desvendar os segredos do universo e garantir a felicidade humana. (Nota **IHU On-Line**)

“Ah! Não vai dar nada!...”

Patologias da responsabilidade e delírio de autonomia na pós-modernidade

Quarta com Cultura Unisinos

Expressão bastante ouvida nos últimos anos, “Ah! Não vai dar nada!...”, guarda um sentido muito mais sério do que se pode supor. É o que afirmou o filósofo e psicanalista Mario Fleig em entrevista por e-mail à **IHU On-Line** edição 185, de 19-06-2006, que pode ser conferida na página do IHU, www.unisinos.br/ihu sob o título *O declínio da responsabilidade*. Nessa oportunidade, ele adiantou aspectos do **IHU Idéias** que conduziu em 29-06-2006 chamado *Ah! Não vai dar nada!... Patologias da responsabilidade e delírio de autonomia na pós-modernidade*. A importância do tema suscitou o **Quarta com Cultura Unisinos** de 11-10-2006, marcado para as 19h30min no Shopping Bourbon Country, na Livraria Cultura, em Porto Alegre, e que aborda novamente esse tema. A atividade serve como preparação para o **Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?**, a ser realizado de 21 a 24 de maio de 2007, na Unisinos. Já foram confirmaram sua participação, entre outros, Charles Melman, psicanalista francês, Gianni Vattimo, filósofo italiano, Paul Valadier e Jean-Claude Monod, filósofos franceses e o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro.

Fleig é professor do curso de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia pela UFRGS, com a dissertação *Os esquemas horizontais em Ser e Tempo*, doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a tese *O tempo é a força do ser – Lógica e temporalidade em Martin Heidegger*, e pós-doutor pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França, em Ética e Psicanálise. A edição 150 da **IHU On-Line**, de 8-8-2005, entrevistou Fleig sob o título *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família*. Mais recentemente, na edição 179, de 8-5-2006, Fleig concedeu a entrevista *Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização*.

Sonhos tropicais

Cinema e saúde coletiva

O ciclo *Cinema e saúde coletiva* vai discutir, no dia 10 de outubro, *O projeto higienista do Brasil*. O debatedor será o escritor Moacyr Scliar. O filme, que servirá como pano de fundo será, *Sonhos Tropicais*, de André Sturm (2001). *Sonhos Tropicais* é o primeiro longa-metragem dirigido por André Sturm. O filme conta a história do sanitarista Oswaldo Cruz. No início do século XX chegam ao Brasil o médico Oswaldo Cruz e a jovem Esther. Esperançosos, ambos seguem destinos diferentes no Rio de Janeiro, com Esther sendo obrigada a se prostituir e Oswaldo tornando-se um dos principais ícones do governo Rodrigues Alves.

A economia do dom e a visão de Marcel Mauss

Alternativas para uma outra economia

Marcel Mauss (1872 — 1950) foi um sociólogo e antropólogo francês, nascido quatorze anos mais tarde e na mesma cidade que Émile Durkheim, de quem é sobrinho. É considerado como o "pai" da antropologia francesa.

No próximo evento *Alternativas para uma outra economia*, as teorias e idéias de Marcel estarão em discussão. A palestra *A economia do dom e a visão de Marcel Mauss* será ministrada pelo professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Paulo Henrique Martins de Albuquerque. O evento acontece no dia 10-10-2006. O professor concedeu uma entrevista por e-mail à *IHU On-Line*.

Paulo Henrique Martins realizou seu Doutorado de Sociologia na Universidade de Paris I, Sorbonne entre 1988 e 1992. Esteve como pesquisador visitante na London School of Economics and Politics Science (LSCI), em 1995 e realizou atividades de pós-doutoramento na Universidade de Paris X, Nanterre, entre 2000 e 2001. Nos últimos anos, tem se dedicado a repensar as políticas públicas no contexto da mundialização, da crise do Estado e da emergência de uma sociedade civil complexa, da família como fato associativo. Tem, igualmente, contribuído para a consolidação dos estudos de Sociologia da Saúde no Brasil e para a reforma do Estado e das políticas públicas mediante a produção de reflexos, participação em palestras e oferta de cursos sobre o tema. Algumas publicações recentes atestam os interesses de

pesquisa. Escreveu os livros: *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social* (organizador). Petrópolis: Vozes, 2002; *Revista Sociedade e Estado: Dádiva e solidariedades urbanas* (organizadores: Martins e Ferreira), Departamento de Sociologia da UNB, Brasília, 2002; *Contra a desumanização da medicina: crítica sociológica das práticas médicas modernas*. Petrópolis: Vozes, 2003; *Economia popular e solidária, questões teóricas e práticas* (Organizadores: Martins e Medeiros). Recife: Bagaço, 2003; *A nova ordem social: perspectivas da solidariedade contemporânea* (organizadores: Martins e Ferreira). Brasília: Paralelo 15, 2004; *Redes sociais e saúde: novas possibilidades teóricas* (organizadores: Martins e Fontes). Recife: Editora da UFPE, 2004; *Abordagem ecossistêmica em saúde* (organizadores: Giraldo, Carneiro e Martins), Recife, Editora da UFPE, 2005; *Redes, práticas associativas e gestão pública* (organizadores: Martins e Fontes). Recife: Editora da UFPE, 2006; *Polifonia do dom* (organizadores: Martins e Campos). Recife: Editora da UFPE, 2006;

O dom de Marcel Mauss

Entrevista com Paulo Henrique Martins de Albuquerque

IHU On-Line - O que é a economia do dom? Quais os valores básicos no qual essa economia se assenta?

Paulo Henrique Martins – Para falar da economia do dom temos que diferenciar duas questões: o que disse Mauss sobre a matéria e o que dizem hoje aqueles autores que se filiam direta ou indiretamente à herança maussiana, entre os quais podemos relacionar, em primeira mão, Alain Caillé, diretor geral da *Revue du MAUSS* e Jean-Louis Laville, que coordena várias ações de economia solidária. Limitando-nos a Mauss, temos que, primeiramente, entender que as reflexões dele sobre o tema - conforme esclarece David Graeber num artigo intitulado *O comunismo de Marcel Mauss*, que faz parte de uma coletânea que estamos lançando e intitulada *Polifonia do dom* (Editora da UFPE, Recife, 2006) -, estão conectadas com a sua constatação sobre a impossibilidade do bolchevismo na Rússia (país que ele visitou) de eliminar o mercado. Diante dessa constatação, Mauss buscou

reinterpretar e ressituar o mercado como técnica de decisões e não como um avatar (imagem repassada maliciosamente pelos economistas neoliberais), apoiando-se nesta desconstrução teórica em estudos etnográficos relativos às funções diferenciadas do mercado nas sociedades tradicionais e numa crítica socioantropológica consistente sobre seu caráter e uso na contemporaneidade. Isso ele o fez no seu célebre *Ensaio sobre a dádiva* de 1924. A partir daí, Mauss busca realocar o mercado dentro de um sistema mais amplo de trocas que se definem tradicionalmente por elementos morais, religiosos, culturais e políticos. Além do mais, Mauss procurou desnaturalizar a idéia de uma "economia de mercado" baseada nas preferências e utilidades dos indivíduos como sendo a condição primeira da vida social. Demonstra Mauss que a naturalização da economia de mercado se funda numa ideologia utilitarista que elege o *homo economicus* como a

condição natural do ser humano. Mauss desenvolve, então, a teoria da dádiva para mostrar que, se o egoísmo existe (o caráter do *homo economicus*), constitui apenas uma forma de expressão de um sistema de motivações mais amplo que envolve o interesse por si e também o interesse pelo outro, o interesse livre mas também a ação por obrigação (mesmo que o ator haja sem interesse). Enfim, Mauss propõe que o sistema da dádiva é a forma arcaica sobre a qual se apoiou o desenvolvimento dos mecanismos de escambo, as trocas e os contratos ontem e hoje.

IHU On-Line - É possível essa economia, efetivamente, tornar-se uma alternativa no mundo de hoje?

Paulo Henrique Martins – Resgatar uma economia do dom é restaurar o valor da pessoa e a qualidade da relação entre indivíduos e grupos. O dom é um manifesto contra a banalização do ser humano que vem sendo feita pelo projeto neoliberal e a favor da dignidade do ser humano. Apenas pelo resgate da força simbólica contida nas práticas sociais e pela consciência do risco que significa se relacionar com outro ou outros (pela doação, pela recepção e pela retribuição) podemos realçar a atualidade de temas como confiança, reconhecimento, auto-estima, caráter e solidariedade. A emergência de um paradigma da dádiva, sobre a qual se assenta a economia do dom, deve ser vista como expressão de uma reação que se faz lentamente a favor de uma reumanização que recoloca a inovação tecnológica, a riqueza e o poder a serviço de um ser humano compreendido na sua totalidade biossocial e política.

IHU On-Line - Qual é a visão do sociólogo Marcel Mauss?

Paulo Henrique Martins – Mauss foi um intelectual ligado ao movimento associacionista do início do século XX, assim como Émile Durkheim, seu tio.

Foi admirador e colaborador de Jean Jaurès, líder da SFIO (Seção Francesa da Internacional dos Trabalhadores), tendo escrito e colaborado para os periódicos da esquerda, na época. Além do mais, no plano acadêmico, suas idéias influenciaram enormemente autores como Lévi-Strauss (fundador da antropologia estrutural), George Bataille, Claude Lefort, e mais recentemente Maurice Godelier, Alain Caillé, Jacques Godbout entre outros ilustres intelectuais que vêm trabalhando sobre o dom em diversos domínios.

IHU On-Line - Como entende a condução da economia pelo governo Lula? Houve uma abertura para uma outra alternativa de economia?

Paulo Henrique Martins – O Brasil ainda está vivendo uma fase de transição entre três imaginários de modernização: um primeiro imaginário centrado na ação do Estado como agente central da modernização - o desenvolvimentismo -, que foi hegemônico entre os anos cinquenta e oitenta. Trata-se de uma tendência conservadora, originariamente fundada na transição do rural para o urbano, assentada na grande propriedade e que, recentemente, foi colonizada pela lógica especulativa do capitalismo financeiro. Desse modo, os desenvolvimentistas nutrem um discurso ambivalente entre a bandeira de uma economia nacional (centrada na força do poder central) e a simpatia às políticas especulativas (que favorecem o enriquecimento fácil) desde que não signifiquem enfraquecimento do poder estatal. Uma segunda tendência, abertamente aliada do projeto neoliberal, se situa contra o centralismo do Estado, propondo a minimização das funções do Estado para favorecer o neoliberalismo e o atrelamento do Brasil aos Estados Unidos (tendência presente em vários setores do PFL e do PSDB). Uma terceira tendência, ainda minoritária,

que procura um novo paradigma, baseado na solidariedade e no dom, que supere as duas tendências anteriores é favorável à descentralização, à municipalização com consciência dos cidadãos locais, às práticas associativas e comunitárias locais, enfim, à criação de mecanismos descentralizados em forma de redes horizontais que favoreçam a democracia participativa, a democracia da vizinhança e uma nova esfera pública mais transparente. A economia do dom que se manifestar em movimentos de economias plurais, é fundamental para se recriar a economia a partir de um novo valor, o da relação, que deve se impor sobre os valores do uso para consumo ou de troca para acumulação. No governo Lula, o programa que vem apresentando características mais próximas ao ideal de uma economia do dom é o bolsa-família, que procura escapar de uma lógica meramente assistencialista de doação de dinheiro (reforçando a dependência e o clientelismo) para introduzir uma lógica de reciprocidade, pela qual as pessoas beneficiadas pelo programa se vejam como co-responsáveis pela produção da cidadania no plano local. Mas, certamente, esta idéia tem que ser mais bem discutida à luz do paradigma do dom.

***IHU On-Line* - O que o senhor espera do próximo Presidente da República com relação à economia brasileira? Quais os maiores desafios?**

Paulo Henrique Martins – O novo presidente tem como primeiro desafio resgatar a dignidade dos humilhados e excluídos. Não se pode assegurar a universalidade da democracia numa sociedade fundada em fortes desigualdades. Em segundo lugar, o novo presidente tem que colocar limite na ambição desenfreada dos mais ricos de ganharem cada vez mais sem preocupações com a pobreza. O que justifica que os bancos tenham percentuais de lucros exorbitantes, que introduzam sempre novas taxações sobre os usuários sem a mínima consideração pelo sofrimento que isso provoca em pessoas que vivem com recursos em geral tão limitados? Por que não existe uma legislação que ponha limite sobre o ganho especulativo desenfreado que constitui uma ameaça à ordem econômica nacional ampliando a desigual distribuição de renda? Certamente, no que toca aos bancos, não me parece que nem Lula nem Alckmin desejem enfrentar a situação. Mas, não há dúvidas de que, no que diz respeito a enfrentar a pobreza, o governo Lula avançou muito com relação aos governos anteriores, em particular o de Fernando Henrique.

Errata

Na Editoria *Teologia Pública* da edição número 197 da revista *IHU On-Line*, de 25 de setembro de 2006, na quinta resposta, onde o entrevistado Christian Duquoc diz “Fora da Igreja, ponto de salvação” deve ser lido “Fora da Igreja, não há salvação”. Pedimos desculpas pelo erro de tradução.

Thais Furtado

Porto-alegrense de uma família grande ligada à comunicação e à política, Thais Furtado é uma profissional jovem, mas de carreira extensa. No seu primeiro trabalho como jornalista, teve experiências inesquecíveis. Trabalhou na *Veja* e como editora na *Zero Hora*. Confira a seguir, na entrevista concedida à **IHU On-Line**, a trajetória de vida da jornalista.

Origens - Nasci em Porto Alegre, em 28 de maio, tenho 40 anos. Tenho cinco irmãos, sou a mais moça de seis.

Pais - Meu pai, que já faleceu, se chamava Jorge Alberto Furtado e a minha mãe, Dercy Furtado. A minha mãe foi política desde 1972, sendo a primeira vereadora mulher de Porto Alegre. Depois foi deputada. Meu pai sempre foi um administrador de várias fundações do Rio Grande do Sul e foi secretário geral de dois ministérios, do Trabalho e da Educação. Por isso, ele morou muito tempo em Brasília, fazendo a ponte entre Brasília e Porto Alegre. Como a família era muito grande, e como meus irmãos são mais velhos, todos já tinham a vida mais ou menos encaminhada. Eu e o Jorge, meu irmão mais próximo, ainda éramos menores, mas continuamos todos em Porto Alegre com a mãe.

Família - Quase toda a família é ligada à comunicação. Todos os meus irmãos homens e eu somos da área da comunicação. O mais velho, Cláudio, é jornalista, o segundo, Sérgio, é publicitário, o Jorge, cineasta. Minha irmã Nina é médica psiquiatra, mas fez mestrado e doutorado em comunicação, e minha outra irmã, Maria da Graça, é educadora física. Eu tenho 13 sobrinhos e dois sobrinhos netos. Tenho dois filhos, o Lucas, de 13 anos, e a Sofia, de cinco.

Estudos - Eu fiz todo o primeiro e o segundo graus no Colégio Anchieta. Então minha ligação com os jesuítas é bem grande. A informação e a reflexão sempre estiveram muito presentes na minha família. Minha mãe lutou pelos direitos da mulher, pela dona-de-casa, pela aposentadoria da doméstica, então eu tive uma formação positivamente crítica. Eu ressentia um pouco o fato de ela trabalhar muito e eu ter que me “virar” sozinha. Acabei sendo muito independente. Entrei na escola com 5 anos, no primeiro ano, e me lembro de eu ter que fazer todas as minhas coisas. Eu sentia um pouco, mas isso me ajudou bastante a crescer e ser independente.

Infância - Tive uma infância normal, brincando na calçada com minhas amigas. Meu irmão mais próximo é o Jorge²⁷, que hoje é um reconhecido cineasta e tem 7 anos a

²⁷ **Jorge Furtado**: cineasta brasileiro, um dos fundadores da Casa de Cinema de Porto Alegre. Destacou-se inicialmente como autor de curtas-metragens, em especial por *Ilha das Flores* (1989), que ganhou vários prêmios internacionais. Foi também roteirista e diretor de muitos programas de televisão, em geral associado ao núcleo de Guel Arraes na TV Globo. (Nota **IHU On-Line**)

mais que eu. Passamos muito tempo juntos. Ele sempre foi um parâmetro, um exemplo para mim. As minhas irmãs também sempre cuidaram muito de mim, na infância e na adolescência. Hoje são minhas grandes amigas.

Férias - Nós passávamos todas as férias em Cidreira, onde tínhamos casa. Para mim, as férias são marcantes, justamente porque tenho uma família muito grande e essa era a ocasião em que estávamos todos juntos, quando a mãe e o pai deixavam esse lado mais profissional para ficar conosco. Meu pai tocava violão, e com ele aprendi o gosto pela música. Eu adoro cantar, até hoje canto e toco violão por influência dele. Nós fazíamos muitas brincadeiras. Guardo uma boa lembrança da praia, todo mundo junto, brincando, cantando... A minha família foi sempre muito de conversar e dar opiniões do que está acontecendo no país e no mundo. Lembro também das viagens que fazia a Brasília, com a mãe e o pai. Pude conhecer um pouco do Brasil e do exterior com eles.

Estudos - Eu estudei sempre no Colégio Anchieta. Depois fiz vestibular para Jornalismo na UFRGS, em que passei com 16 anos. Cursei em três anos e meio a faculdade e, logo depois de formada, mudei para o Rio de Janeiro.

Início - Na época, achava que o mercado de trabalho lá era mais interessante para começar. Fiquei no Rio de Janeiro dois anos trabalhando como repórter de um jornal chamado *O Nacional*, que era do Tarso de Castro, jornalista gaúcho de Passo Fundo, extremamente polêmico e inteligente. Ele foi um dos fundadores do *Pasquim*, entre outros jornais da imprensa alternativa do país. O jornal tinha grandes escritores e jornalistas, como Eric Nepomuceno, Palmério Doria, Paulo Caruso, enfim, vários grandes jornalistas. Tive um ano de experiência no jornal como repórter e foi praticamente como uma segunda faculdade pra mim. Eu estava no Rio, uma cidade diferente e trabalhando com “grandes cabeças”. Esse foi um período bem importante para a minha formação. O meu primeiro dia de trabalho passei dentro da Delegacia da Mulher, que tinha sido criada há pouquíssimo tempo, vendo coisas bem pesadas. Participei de cobertura de greves, entrevistei muitas celebridades, passei um carnaval inteiro com a Xuxa e conheci várias outras celebridades. Lá eu podia fazer desde matérias políticas e de comportamento, até uma página de moda. O jornal fechou, pois tudo que o Tarso tinha de competência jornalística, faltava-lhe como administrador.

Carreira - Voltei para Porto Alegre e, quase que imediatamente, fui contratada para ser repórter da sucursal da revista *Veja*. Fiquei como repórter cerca de um ano e depois fui convidada para ser chefe de sucursal do Rio Grande do Sul, que também foi outra experiência muito interessante. O jornalista trabalhando em uma sucursal acaba tendo que cobrir todas as áreas. A especialização também tem suas vantagens, mas isso de ter que fazer matérias um dia sobre saúde, outro sobre educação, outro sobre política, enfim, é um aprendizado enorme. A *Veja*, então, lançou as *Vejinhas* regionais, uma experiência da editora de fazer uma *Veja* para cada estado. Então pediram para que cada chefe de sucursal enviasse para São Paulo pautas que pudessem ser da sua *Vejinha*. Quando enviei as minhas, me convidaram para ir para São Paulo ser editora de todas as *Vejinhas* do Brasil, com exceção de Rio e São Paulo, que tinham uma estrutura maior. Adorei o trabalho, mas não me adaptei muito com a cidade e, depois de um ano, pedi para retornar para a sucursal. Quando o Augusto Nunes veio para Porto Alegre, para a *Zero Hora*, me convidou para ser editora Geral do jornal, onde fiquei por cerca de três anos. Foi uma outra experiência interessante, trabalhar com jornalismo diário, mas prefiro ainda as revistas. Quando tive meu primeiro filho, resolvi

sair desse ritmo diário e fiquei fazendo free lancer, para revistas da Abril, entre outras. Comecei o Mestrado em Letras, porque encontrei na UFRGS uma teoria que me encantou, a Análise do Discurso. Nele eu trabalhei um assunto que me interessa muito: estudei as mudanças de sentido que ocorriam entre o texto do repórter e o do editor da revista *Veja*. São muitas as mudanças de sentido que acabam ocorrendo nesse processo jornalístico. Depois eu fiquei um ano como professora substituta na Fabico, na UFRGS. Logo depois, vim para a Unisinos, onde passei a coordenar a agência experimental de jornalismo. Em 2003, a três agências de comunicação se uniram formando a AgexCom, a qual eu passei a coordenar.

Casamento - Eu já fui casada duas vezes. Casei a primeira vez com 19 anos e fiquei três anos casada. Casei-me novamente e fiquei 14 anos casada e estou separa há três. Do segundo casamento, nasceram o Lucas e a Sofia.

Esporte - Faço ginástica duas vezes por semana. Quando eu estava no Anchieta, jogava basquete. Depois, na universidade, não tinha basquete feminino, então acabei abandonando.

Horas Livres - São pouquíssimas. Além do trabalho na Unisinos, continuo fazendo *free lances* para revistas. Mas eu fico muito com os meus filhos. Eu também adoro música, principalmente de cantar. Gosto também de ler, ir ao cinema e estar com meus amigos.

Filhos - Eu adoro brincar com a Sofia, ler histórias ou desenhar com elas. Passo o máximo do tempo livre que tenho com ela e com o Lucas. Ele gosta de escrever, é meio precoce no sentido criativo. Ele já tem roteiros de filmes e diz que quer seguir a carreira do tio. Eu tento acompanhar esse ritmo dele e incentivar. Fico o máximo do meu tempo livre com eles.

Autor - Julio Cortázar é meu autor preferido de ficção. Gosto muito da forma como ele escreve.

Música - Adoro música popular brasileira. Minha cantora preferida é a Marisa Monte. Gosto muito também de Chico Buarque, Caetano Veloso, Bebel Gilberto, Tom Jobim. Samba e chorinho também me agradam bastante.

Filme - O cinema sempre fez parte da minha vida. Não tenho um filme preferido. Gosto de dramas e de comédias.

Dia perfeito - Certamente com os meus filhos. Gosto muito de estar com eles ao ar livre, viajando. Adoro, por exemplo, ir pra praia e ficar com meus filhos sem nenhum compromisso.

Viagem - Só por falta de tempo não viajo mais. Vou mais freqüentemente para Gramado e Santa Catarina, para Armação. Uma viagem que me marcou foi quando eu tinha 10 anos e passei um mês nos Estados Unidos com meus pais e meus dois irmãos mais novos. Também fiz uma viagem para a Europa que me marcou muito. Viagem perfeita é ir sem compromisso, para descansar e curtir.

Futuro - Espero fazer um doutorado em Comunicação, usando também a Análise do Discurso. E também ver meus filhos crescerem. Investir um pouco também na música, não sei bem se isso é um sonho ou um plano.

Política - Eu não sou filiada a nenhum partido, mas sempre votei no PT e tinha uma esperança muito grande com o Lula. Acho que me decepcionei com o governo dele, mas também vejo que é muito difícil para ele governar com a mídia contra. Acho que estou num período muito crítico em relação a tudo que sempre pensei. Espero que volte a ter esperança.

Unisinos - Hoje ela é grande parte da minha vida. Eu passo muito tempo aqui. A universidade me acolheu muito bem. Lembra-me muito daquela época no Anchieta, de ter um espaço onde as pessoas pensam criticamente, onde tem vida intelectual e crítica, humana. Fiz e tenho grandes amigos aqui.

Instituto Humanitas Unisinos - Eu pude acompanhar o crescimento do Humanitas. É um espaço muito interessante, com vida crítica. Tudo que é produzido tem uma preocupação reflexiva e de busca de pensar um mundo um pouco mais humano.